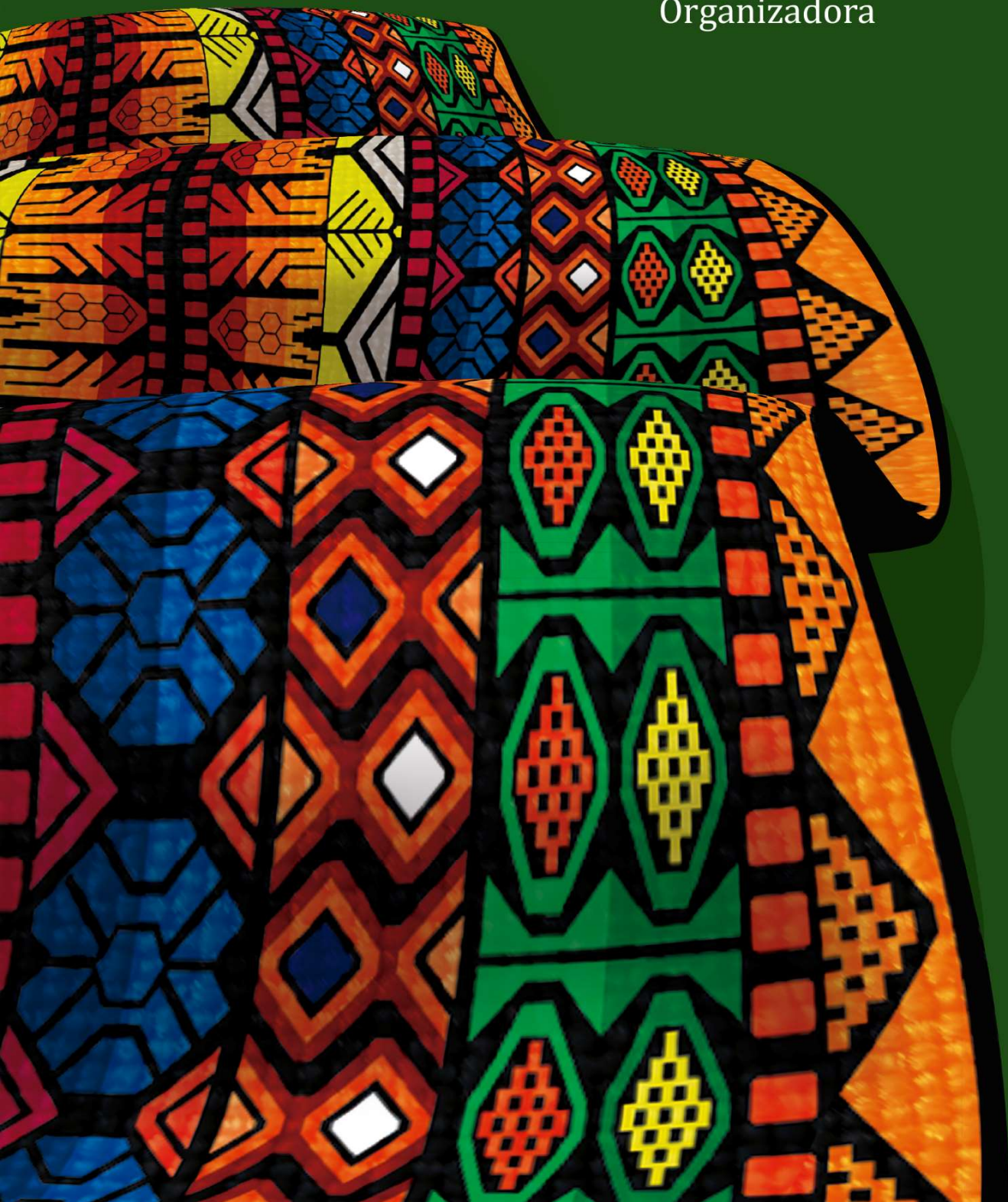


CONTOS LATINO-AMERICANOS

CONTOS HISPANO-AMERICANOS TRADUZIDOS PARA O PORTUGUÊS

Martha Lucía Pulido Correa
Organizadora



CONTOS LATINO-AMERICANOS

VOLUME I

CONTOS HISPANO-AMERICANOS TRADUZIDOS PARA O PORTUGUÊS

Martha Lucía Pulido Correa

Organizadora

PGET-UFSC | 2018

CONTOS LATINO-AMERICANOS

VOLUME I

CONTOS HISPANO-AMERICANOS TRADUZIDOS PARA O PORTUGUÊS

Tradutores

Diego Silveira Coelho Ferreira

Emilene Lubianco de Sá

Giordana Antônia Sfredo

João Carlos Pereira Hoeller

Joaquim Martins Cancela Junior

Kadidja Nascimento

Luiza Hypolito

Malu Carrano Rocha

Maria Cecilia Fritsche

Maria Eduarda da Cunha Kretzer

Martha Lucía Pulido Correa

Rafaela Marques Rafael

Rosanne de Castelo Branco

Martha Lucía Pulido Correa (Organizadora)

Professora Titular da Universidad de Antioquia, Medellín, Colômbia, e Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal da Santa Catarina (PGET-UFSC), período 2014-2018.

Traduções realizadas na disciplina “Teoria Literária I”, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Martha Lucía Pulido Correa, no PGET-UFSC no 1º semestre de 2018.

FICHA TÉCNICA

Conselho editorial

Dirce Waltrick do Amarante • Universidade Federal de Santa Catarina
Juan Guillermo Ramírez • Universidad de Antioquia
Marie-Hélène Catherine Torres • Universidade Federal de Santa Catarina
Paula Andrea Montoya • Universidad de Antioquia
Rosario Lázaro Igoa • Universidad de la Republica (Uruguai) e Universidade Federal de Santa Catarina

Tradução e revisão geral

Diego Silveira Coelho Ferreira
Emilene Lubianco de Sá
Giordana Antônia Sfredo
João Carlos Pereira Hoeller
Joaquim Martins Cancela Junior
Kadidja Nascimento
Luiza Hypolito
Malu Carrano Rocha
Maria Cecilia Fritsche
Maria Eduarda da Cunha Kretzer
Martha Lucía Pulido Correa
Rafaela Marques Rafael
Rosanne de Castelo Branco

Revisão textual (cotejo)

Maria Eduarda da Cunha Kretzer
Rafaela Marques Rafael

Capa

Beatriz Rocha
Emilene Lubianco de Sá

Diagramação e revisão final

Emilene Lubianco de Sá

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

C763

Contos Latino-Americanos [recurso eletrônico] :
volume I : contos hispano-americanos
traduzidos para o português / organizadora,
Martha Lucía Pulido Correa. - Dados
eletrônicos. - Florianópolis : PGET-UFSC,
2018.
88 p.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-5581-040-4
E-book (PDF)

1. Contos hispano-americanos. 2.
Literatura
latino-americana. I. Correa, Martha Lucía
Pulido.

CDU: 860 (7/8=6)-34

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Jonathas Troglio – CRB 14/1093

Sumário

PREFÁCIO	7
Martha Lucía Pulido Correa	
A camisa de Margarita	9
Ricardo Palma (1835-1916) – Peru Tradução de Maria Cecilia Fritsche	
A mulher	15
Juan E. Bosch (1909-2001) – República Dominicana Tradução de Kadidja Nascimento	
A pequena índia Mapiripana	19
José Eustasio Rivera (1888-1928) – Colômbia Tradução de Martha Lucía Pulido Correa	
Cozido de soldado	23
Ricardo Güiraldes (1886-1927) – Argentina Tradução de Rafaela Marques Rafael	
História da senhorita Grão de Pó, bailarina do sol	27
Teresa de la Parra (1889-1936) – Venezuela Tradução de Giordana Antônia Sfredo	
Mansilla	33
Carlos Reyles (1868-1938) – Uruguai Tradução de Diego Silveira Coelho Ferreira	
O arbusto	43
Tomás Carrasquilla (1858-1940) – Colômbia Tradução de Joaquim Martins Cancela Junior	
O gato	47
Alfonso Hernández Catá (1885-1940) – Cuba Tradução de Emilene Lubianco de Sá	
O pai	59
Olegario Lazo Baeza (1878-1964) – Chile Tradução de João Carlos Pereira Hoeller	
O véu da rainha Mab	63
Rubén Darío (1867-1916) – Nicarágua Tradução de Malu Carrano Rocha	
Os viajantes	67
Ricardo Jaimes Freyre (1868-1933) – Peru Tradução de Maria Eduarda da Cunha Kretzer	

EPÍLOGO	71
Por Rosario Lázaro Igoa	
O peixe	73
Rosario Lázaro Igoa – Uruguai	
Tradução de Rosanne de Castelo Branco	
El pez	77
Rosario Lázaro Igoa – Uruguai	
O silêncio do rio	81
Horacio Cavallo – Uruguai	
Tradução de Luiza Hypolito	
El silencio del río	85
Horacio Cavallo – Uruguai	

Prefácio

O trabalho que apresentamos aqui nasce de um fracasso metodológico. É produto de um exercício pedagógico da disciplina Tradução Literária que ministrei no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), no primeiro semestre de 2018 e que contou com o entusiasmo dos estudantes de mestrado e doutorado em Estudos da Tradução que assinam as traduções neste volume.

Com o desejo de utilizar estratégias diferentes – mesmo que não fossem novas – para cada disciplina ministrada, e como a turma contava com estudantes que tinham como língua de trabalho de tradução inglês, alemão, francês, espanhol e italiano, a proposta preliminar que apresentei foi a de traduzir para o português *De Amicitia* [Tratado sobre a Amizade] de Matteo Ricci (1552-1610). Em *De Amicitia*, o jesuíta italiano recompila e traduz para o chinês máximas sobre a amizade de autores latinos e cristãos. O livro é já um produto de tradução, escrito por um italiano numa língua estrangeira – o chinês – e é logo retraduzido, sendo assim, um exemplo concreto e palpável do dinamismo e da força do movimento tradutório. Ao não encontrar tradução para o português o projeto parecia interessante; além de pretender deixar no trabalho uma implicação ontológica com o tema da amizade.

No entanto, a proposta não deu certo, por motivos que não exporei aqui e que são apenas de minha responsabilidade. Assim, rapidamente precisei apresentar outra proposta. Tinha na mão o livro organizado por Georges Pillement em 1933, *Les Conteurs Hispano-Américains*, publicado em Paris pela Librairie Delagrave, uma coletânea de traduções para o francês – apresentados por país – de 51 contos de autores hispano-americanos, nascidos no final do século XIX e começo do XX. Sem tempo para pensar na estrutura de uma Antologia para começar a trabalhar na aula, o livro de Pillement serviu de ponto de partida e de estrutura para a proposta que finalmente aqui apresentamos. Na introdução, Pillement lembra ao leitor que se a primeira parte do século XIX testemunha o florescimento da poesia nos países hispano-americanos, de uma maneira muito intensa, ao fim do século e começo do novo século vem surgir o conto como gênero literário que vai providenciar uma identidade para América Latina (eu incluo o Brasil), influenciando mesmo outras literaturas. A tradução dos contos, de alguns dos autores escolhidos por Pillement, parecia o mais adequado.

Prosseguimos então para a seleção dos contos para traduzir, também por país, um por estudante, partindo dos originais em espanhol aos quais tivemos

acesso e que se encontram disponíveis na internet. As traduções, mesmo assinadas individualmente, são produtos de um trabalho coletivo. Cada tradução foi trabalhada primeiro individualmente. A segunda etapa consistiu numa leitura e revisão acompanhada geralmente de algum dos estudantes falantes de espanhol, Rafaela, Giordana, Diego, Maria Eduarda e Malu – falante de italiano –, e até mesmo Rita de Cássia Paiva que não apresenta tradução aqui, mas que participou ativamente e contribuiu com seus comentários e críticas no momento da partilha em sala de aula. Por outro lado, Maria Cecilia e Luiza, falantes de francês, revisavam e criticavam os termos e expressões, e as muitas omissões da tradução francesa diante de expressões da oralidade hispano-americana, às vezes tão específicas de determinado contexto rural ou social, que só têm significado para nós. Em momentos como esses, entravam em jogo as contribuições de Joaquim, estudioso de Guimarães Rosa, para desconstruir, desacomodar e reacomodar o que João, com sua formação jurídica, apoiado em discussão hermenêutica, almejava que ficasse bem “direitinho”. Kadidja acompanhava Joaquim com as suas contribuições e descaminhos de sabor nordestino, Rosanne fazia as suas contribuições e Diego intervinha de novo. Mas, como em uma tradução muitas vezes o que fica “direitinho” não corresponde à aspiração do texto fonte, chegada a hora de harmonizar e sair do conflito, intervinha Emilene com seu profissionalismo e sua experiência de revisora impecável, deixando-nos – tradutores atormentados – acalmados, descarregados um pouco das nossas responsabilidades linguísticas individuais; Emilene coloca a vírgula certa trazendo serenidade para o texto.

E para encerrar o livro com chave de ouro, convidamos dois autores uruguaios atuais, Rosario Lázaro Igoa e Horacio Cavallo, que generosamente ofereceram seus contos para serem traduzidos e publicados neste livro. Os leitores encontrarão os dois contos traduzidos no Epílogo, seguidos dos textos originais em espanhol. Tentamos assim – com a força da contemporaneidade dos dois autores convidados e dos tradutores que participam deste trabalho – harmonizar os tempos e as geografias da criatividade latino-americana que se desdobra nas páginas apresentadas aqui, escritas em espanhol e (reescritas) traduzidas para o português.

Foi um trabalho divertido, cansativo, alegre, afetuoso. O nosso conhecimento do espanhol e do português se expandiu. E vamos repetir essa experiência, projetando um segundo volume de traduções de contos brasileiros para espanhol.

Martha Lucía Pulido Correa
Organizadora

A camisa de Margarita

*La camisa de Margarita*¹

Ricardo Palma (1835-1916) – Peru

Escritor limenho, jornalista, político e bibliotecário. Seu nome de batismo é Manuel Ricardo Palma y Carrillo, nasceu no dia 7 de fevereiro de 1833, no Distrito de Miraflores, Lima (Peru), e morreu em 6 de outubro de 1919. *Tradiciones peruanas* são crônicas que foram publicadas inicialmente em jornais e revistas, por volta de 1859. A obra reúne histórias curtas que resgatam com ironia o passado colonial de Lima e descrevem o lado oculto da crítica social da região. *La camisa de Marguerita*, conto traduzido aqui, é um dos que foram publicados em *Tradiciones peruanas* em 1872. Ricardo Palma é considerado um dos maiores escritores da América Latina e seus contos se tornaram clássicos.

Tradução de **Maria Cecilia Fritsche**²

Provavelmente alguns dos meus leitores ouviram as mulheres idosas de Lima dizer, quando querem ponderar sobre o aumento de preço de um produto:

— O quê!? Mas isso é mais caro que a camisa de Margarita Pareja.

Teria continuado com a curiosidade de saber quem foi aquela Margarita, cuja camisa ficou tão conhecida, se em *La América*, de Madrid, não tivesse descoberto um artigo assinado por D. Idelfonso Antonio Bermejo (autor de um notável trabalho sobre o Paraguai) que, embora muito de leve fale sobre a garota e sua camisa; me foi muito útil na escrita da história que vocês vão ler.

¹ Conto original em espanhol disponível em: <http://diarioinca.com/tradicion-la-camisa-de-margarita-ricardo-palma>. Acesso em: 11 set. 2018.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Bolsista CAPES. Mestra em Estudos da Tradução pela UFSC (2016). Graduada em Psicologia (2005) pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e em Letras e Literatura Francesa (2013) pela UFSC.

I

Margarita Pareja era (por volta de 1765) a filha preferida e D. Raimundo Pareja, cavaleiro de Santiago e cobrador de impostos de Callao.

A menina era uma daquelas limenhas que, por sua beleza, enfeitiçam o próprio diabo e o levam a fazer o sinal da cruz e a atirar pedras. Refletia um par de olhos negros que eram como dois torpedos carregados de dinamite e que explodiam nas entrelinhas das almas dos galanteadores de Lima.

Chegou então da Espanha um jovem arrogante, filho da coroada vila do urso e do medronho, chamado D. Luís Alcázar. Este tinha em Lima um tio solteirão e rico, aragonês, rude e de linhagem e que era mais orgulhoso que os filhos do rei Fruela.

Claro que, enquanto esperava a ocasião de herdar do tio, vivia o nosso D. Luís como um pobre rato de igreja, passando sérias dificuldades. Ele não reduzia seus gastos e esperava dias melhores para reembolsar seus credores, acho que digo o necessário.

Na procissão de Santa Rosa, Alcázar viu pela primeira vez a bela Margarita. Ele ficou ofuscado por sua beleza e ardendo de amor. Ele arriscou um galanteio; sem responder nem sim nem não, ela o deixara entender por sorrisinhos e demais armas do arsenal feminino que ela o encontrava totalmente a seu gosto. Na realidade, preciso confessar que eles se apaixonaram até a raiz dos cabelos.

Como os amantes esquecem que há aritmética, D. Luís acreditou que a sua pobreza não seria um obstáculo para alcançar o seu amor e foi se encontrar com o pai de Margarita e, sem rodeios, pediu a mão de sua filha.

D. Raimundo não gostou do pedido e, educadamente, dispensou o candidato, dizendo que Margarita ainda era jovem demais para ter um marido; porque, apesar de seus dezoito anos, ela ainda brincava de bonecas.

Na realidade, a sua recusa tinha outra origem. D. Raimundo não queria ser o sogro de um pobretão; e confidenciou tal fato para seus amigos, um dos quais levou a fofoca ao tio aragonês, D. Honorato. Este, que era mais altivo que El Cid, ficou numa cólera terrível e disse:

— Como entender?! Desprezar o meu sobrinho! Muitas pessoas sacrificariam tudo para tê-lo como parente; não é o menino mais galhardo de Lima? Que incrível insolência! Até onde vai chegar esse “cobradorzinho”?

Margarita, moça à frente de seu tempo, era nervosa como uma donzela de hoje, choramingou, puxou o cabelo e fez birra, e só não ameaçou envenenar-se porque ainda não haviam inventado os fósforos.

Margarita perdeu rapidamente suas belas cores e começou a emagrecer. Ela desfaleceu a olho vivo, falava sobre ser freira e agia a torto e a direito. “Eu serei de Luís ou de Deus”, berrava ela cada vez que seus nervos se exaltavam, o que acontecia a cada meia hora do dia. O cavaleiro de Santiago acabou por se comover. Chamou os físicos e as curandeiras. Todos eles declararam que sua filha se tornava tísica e o único remédio que conseguiria salvá-la não se encontrava na farmácia.

Ou casá-la com o homem de seu agrado, ou colocá-la no caixão com coroa de flores. Esse foi o ultimato médico.

D. Raimundo (pai, afinal de contas), esquecendo-se de pegar sua bengala e seu manto, correu como louco para a casa de D. Honorato e disse:

— Vim pedir seu consentimento para casar seu sobrinho e minha filha amanhã mesmo ou receio que seja tarde demais.

— Não pode ser — o tio respondeu com decepção. — Meu sobrinho é um pobretão, e o que você deve procurar para sua filha é um pretendente mais afortunado.

O diálogo foi tempestuoso. Quanto mais D. Raimundo suplicava, mais o tio aragonês tornava-se intratável. Desesperado, ele estava prestes a se retirar quando D. Luís interveio e disse:

— Mas, tio, não é de cristãos permitir que uma vítima inocente seja sacrificada.

— E você fica satisfeito?

— Completamente, tio e senhor.

— Bem, rapaz: concordo com sua felicidade, mas com uma condição: D. Raimundo terá que me jurar diante da hóstia consagrada que ele não dará nenhuma quantia para sua filha e não a deixará nenhuma herança.

Uma discussão mais agitada do que a anterior começou.

— Mas homem, disse D. Raimundo, minha filha tem um dote de vinte mil *duros*.

— Renunciamos o dote! A noiva virá para a casa do marido apenas com a roupa do corpo.

— Permita-me, pelo menos, dar a ela seus móveis necessários e o enxoval da noiva.

— Nem mesmo um alfinete. Se você não aceitar essa condição, sua filha vai morrer e isso é tudo.

— Seja razoável, D. Honorato, minha filha tem que levar pelo menos uma camisa para trocar...

— Eu concedo para não ser acusado de intransigente. Você lhe dará a camisa de casamento e nada mais.

No dia seguinte, D. Raimundo e D. Honorato foram muito cedo a São Francisco, ajoelhando-se para ouvir a missa e, conforme combinado, na hora que o sacerdote levantou a hóstia divina, disse o pai de Margarita:

— Eu juro não dar a minha filha mais do que a camisa de noiva. Que Deus me condene se eu perjurar.

II

E D. Raimundo Pareja cumpriu seu juramento *ad pedem litterae*. Nunca, mesmo depois de sua morte, deu a sua filha algo que valesse um único *maravedí*.

As rendas de Flandres que adornavam a camisa da noiva custavam dois mil e setecentos *duros*. A gola foi feita com uma corrente de brilhantes, estimada em trinta mil moedas de prata.

Os recém-casados fizeram o tio aragonês acreditar que a camisa valia no máximo uma *onça*; porque D. Honorato era tão teimoso que, com certeza, teria forçado o sobrinho a se divorciar.

Concordemos que a fama alcançada pela camisa nupcial de Margarita Pareja foi bem merecida.

Nota da tradutora

O trabalho de tradução do conto *La camisa de Margarita* foi realizado a partir do original em língua espanhola e da tradução em língua francesa denominada *La chemise de Margarita* do tradutor de Marcel Vuillermoz. Após ter lido o conto nas duas línguas, constatei que a tradução de Vuillermoz estava mais completa em informações e, inclusive, constava uma pequena introdução com as obras do autor Ricardo Palma, o que faltou no original. Houve perda na tradução para o português; não foi possível encontrar na língua portuguesa uma expressão

idiomática equivalente para *madre del ternero*; optei então por traduzir a expressão idiomática pelo sentido contextual. Por meio de pesquisas compreendi a expressão *Villa del oso y del madroño*, que faz referência à cidade de Madrid. O símbolo da cidade, que está no escudo, é justamente *el oso y el madroño*, e inclusive há uma estátua desse urso na cidade.

A mulher

*La mujer*³

Juan E. Bosch (1909-2001) – República Dominicana

Historiador, professor e escritor, Juan Emilio Bosch Gaviño nasceu na província dominicana de La Vega e foi também presidente do seu país, eleito em 1963 por meio de eleições livres, tendo total apoio do Partido Comunista. Lembrado pelos dominicanos não apenas como político, mas também como importante literato, foi um escritor conhecido por redigir contos sobre exílio, já que sofreu como exilado em sua oposição à ditadura da época e foi acusado de conspiração contra o novo regime.

Tradução de **Kadidja Nascimento**⁴

A estrada está morta. Ninguém nem nada a ressuscitará. Longa, infinitamente longa, nem na pele gris se vê vida. O sol a matou; o sol de aço, tão candente que era vermelho, um vermelho que virou branco. O aço branco tornou-se depois transparente, e segue ali, sobre o lombo da estrada.

Já se passaram muitos séculos desde sua morte. Os homens a desenterraram com picaretas e pás. Cantavam e cavavam; havia alguns, no entanto, que nem cantavam nem cavavam. Tudo aquilo foi muito longo. Estava nítido que tinham vindo de longe: suavam, fediam. À tarde o aço branco ficava vermelho; então nos olhos dos homens que desenterravam a estrada se agitava uma pequena fogueira, atrás das pupilas.

A morta atravessava savanas e montes e os ventos traziam poeira sobre ela. Depois aquela poeira também morreu e pousou na pele gris.

Ao redor há arbustos espinhosos. Muitas vezes a visão adoce de tanta amplitude. Mas as planícies estão nuas. Pastos, a distância. Talvez as aves de rapina coroem os cactos. E os cactos estão ali, mais distantes, embutidos no aço branco.

³ Agradecimentos à Fundación Juan Bosch por autorizar gratuitamente a publicação. Conto original em espanhol disponível em: <http://ciudadseva.com/texto/la-mujer/>. Acesso em: 11 set. 2018.

⁴ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Bolsista CAPES.

Há também choupanas, quase todas baixas e feitas de barro. Algumas estão pintadas de branco e não são vistas abaixo do sol. Só se destaca o teto grosso, seco, ansioso para queimar-se dia após dia. As palhas de cana revestem aquele telhado pelo qual nunca entra água.

A estrada morta, totalmente morta, está ali, desenterrada, gris. A mulher se via, primeiro, como um ponto negro, depois, como uma pedra que tinham deixado sobre a múmia comprida. Estava ali jogada sem que a brisa pudesse mover seus trapos. O sol não a queimava; apenas sentia dor pelos gritos do menino. O menino era de bronze, pequenino, com os olhos cheios de luz, e se agarrava na mãe, tentando puxá-la com suas mãozinhas. Logo a estrada queimaria o corpo, os joelhos ao menos, daquela criatura nua e estrondosa.

A casa estava ali perto, mas não se podia ver.

À medida que se avançava, crescia aquilo que parecia uma pedra jogada no meio da grande estrada morta. Crescia, e Quico disse a si mesmo: “Um bezerro, sem dúvidas, atropelado por um carro”.

Estendeu o olhar: a planície, a savana. Uma colina distante, com pastos, como se a colina fosse apenas uma pilha de areia amontoada pelos ventos. O leito de um rio; as faces secas da terra que teve água mil anos atrás. A planície dourada se rachava sob o pesado aço transparente. E os cactos, os cactos coroados de aves de rapina.

Já mais perto, Quico viu que era pessoa. Ouviu, distintamente, os gritos do menino.

O marido tinha batido nela. Através do único quarto da choupana, quente como forno, a perseguiu puxando-a pelos cabelos e machucando sua cabeça com murros.

— Filha da mãe! Filha da mãe! Vê te matá como uma cadela, sem vergonha!

— Mas se ninguém passou, Chepe: ninguém passou — queria ela explicar.

— Como não? Agora tu vai vê!

E tornava a bater nela.

O menino se agarrava nas pernas do seu pai, ainda não sabia falar e tentava detê-lo. Ele via a mulher sangrando pelo nariz. O sangue não lhe dava medo, não, somente vontade de chorar, de gritar muito. Com certeza a mãe morreria se continuasse sangrando.

Tudo aconteceu porque a mulher não vendeu o leite de cabra, como ele tinha mandado; ao voltar dos montes, quatro dias depois, ele não encontrou o

dinheiro. Ela contou que o leite tinha talhado; a verdade é que o menino bebeu tudo. Ela preferiu não ter umas moedas a ver a criatura passar fome tanto tempo.

Ele disse, em seguida, que ela fosse embora com seu filho:

— Te mato se voltar nessa casa!

A mulher estava jogada no piso de terra; sangrava muito e nada ouvia. Chepe, frenético, a arrastou até a estrada. E ela ficou ali, como morta, sobre o lombo da grande múmia.

Quico tinha água para mais dois dias de caminho, mas gastou-a ao borrifar a testa da mulher. A levou até a choupana pelo braço e pensou em rasgar sua camisa listrada para limpar o sangue. Chepe entrou pelo quintal.

— Te disse que não queria mais te vê aqui, desgraçada!

Parece que não tinha visto o estranho. Aquele aço branco, transparente, o transformou numa fera, com certeza. O cabelo era estopa e as córneas estavam vermelhas.

Quico chamou sua atenção; mas ele, meio louco, ameaçou de novo sua vítima. Ia bater nela naquele momento. Então foi quando começou a luta entre os dois homens.

O menino pequenino começou a gritar outra vez; agora se envolvia na saia da sua mãe.

A luta era como uma canção silenciosa. Não diziam uma palavra. Apenas se ouviam os gritos do menino e as pisadas violentas.

A mulher viu como Quico sufocava Chepe: tinha os dedos enfiados no pescoço do seu marido. Este começou a fechar os olhos; abria a boca e o sangue escorria em seu rosto.

Ela não sabia o que acontecia, mas perto, junto à porta, estava a pedra; uma pedra como lava, rugosa, quase preta, pesada. Sentiu uma força brutal e lançou-a. O golpe soou seco. Quico soltou o pescoço do outro, então dobrou os joelhos, depois abriu os braços com amplitude e caiu de costas, sem se lamentar, sem fazer um esforço.

A terra do chão absorvia aquele sangue tão vermelho, tão abundante. Chepe via a luz brilhar nele.

A mulher tinha as mãos trêmulas sobre a face, todo o cabelo solto e os olhos pugnando para saltar. Correu. Sentia as articulações enfraquecidas. Queria ver se alguém vinha. Mas sobre a grande estrada morta, totalmente morta, só estava o sol

que a matou. Lá, no final da planície, a colina de areia amontoada pelos ventos. E cactos embutidos no aço.

Nota da tradutora

Inicialmente, a proposta de tradução me pareceu bem desafiadora. Todavia, a atividade se tornou um processo instigante, uma vez que, embora a tradução tenha sido feita individualmente, pudemos contar com a colaboração e amparo de todos os alunos envolvidos, alguns que têm o espanhol como segunda língua, outros não. Apesar da proximidade entre o espanhol e o português, pude notar que as diferenças são também infinitas e que o processo de tradução é dificultoso em qualquer que seja a língua, dado que figuras de linguagem, falsos cognatos e palavras sem equivalência estão presentes em todos os idiomas.

Justifico aqui algumas escolhas tradutórias: i) optei por manter *gris* em português para preservar a ideia da cor da pele morta; ii) como *loma* e *colina* são sinônimos, a minha escolha foi traduzir *loma* para *monte* e manter *colina* da mesma forma no português; iii) embora haja a palavra *pajonal* também no português, escolhi traduzi-la para *pasto* por ser uma palavra mais conhecida e que proporcionaria um melhor entendimento ao leitor; iv) uma das palavras mais difíceis na tradução, *cañas*, foi motivo para um longo debate, mas, enfim, decidi traduzir para *palhas de cana*, para manter o sentido de talos cilíndricos, geralmente ocos, e indicar que são hastes feitas da cana-de-açúcar; v) como o personagem fala erroneamente no texto original, optei por manter esses equívocos também na tradução, porém, compensando em outra parte da fala e não necessariamente nas mesmas palavras nas quais o personagem cometeu os erros.

A pequena índia Mapiripana

*La indiecita Mapiripana*⁵

José Eustasio Rivera (1888-1928) – Colômbia

Enquanto a Illiers natal de Proust – seu contemporâneo – se chama hoje Illiers-Combray, integrando a cidade real e a cidade novelesca, a cidade onde nasceu José Eustasio Rivera, chamada originalmente San Mateo, se chama hoje San Mateo-Rivera, fazendo de uma cidade quase invisível uma cidade literária. O autor escreveu uma peça de teatro, *Juan Gil* (1911), um livro de poemas, *Tierra de Promisión* (1924), e uma única novela, *La Vorágine* (1924), rapidamente traduzida para o inglês, *The Vortex*, em 1926, por um amigo seu, Earle K. James, tornando-se uma das mais importantes obras da literatura americana.

Tradução de **Martha Lucía Pulido Correa**⁶

— A pequena índia Mapiripana é a sacerdotisa dos silêncios, guardiã dos mananciais e das lagoas. Habita as entranhas das selvas, espremendo as pequenas nuvens, canalizando os vazamentos, procurando pérolas de água na pelúcia das ravinas para formar novos riachos que dão seu tesouro claro aos grandes rios. Graças a ela, o Orenoco e o Amazonas têm afluentes.

“Os índios dessas comarcas a temem, e ela tolera que eles cacem, desde que não façam barulho. Aqueles que a contrariam não caçam nada; e é só observar a argila úmida para compreender que ela passou assustando os animais e deixando sua pegada de um pé só com o calcanhar na frente, como se caminhasse retrocedendo. Leva sempre nas mãos um parasita e foi a primeira a utilizar os leques de palmeira. Durante a noite se ouvem seus gritos na espessura, e na lua cheia ela se desloca pelas praias, navegando em uma concha de tartaruga, puxada por ‘botos’ que mexem as nadadeiras enquanto ela canta.

⁵ Conto original em espanhol disponível em: <https://sobreyendas.com/2009/09/01/la-indiecita-mapiripana-de-la-selva-colombiana/>. Acesso em: 11 set. 2018.

⁶ Professora da Universidad de Antioquia, Medellín, Colômbia, e Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal da Santa Catarina (PGET-UFSC).

“Em outros tempos veio para estas terras um missionário que ficava bêbado com vinho de palmeiras e dormia na areia com índias impúberes. Como era enviado do céu para derrotar a superstição, esperou que a pequena índia descesse certa noite dos remansos de Chupave para amarrá-la com o cordão do hábito e queimá-la viva, como se fosse uma bruxa. Num canto dessas praias, talvez nessa areia onde vocês estão sentados, ele a via roubar os ovos de ‘tracajá’, e observou no brilho da lua cheia que o vestido que ela usava era de teias de aranha e que tinha a aparência de uma viuvinha. Com desejo lascivo começou a segui-la, mas ela fugia na escuridão; ele a chamava com urgência e o eco enganador respondia. Assim ela foi internando-o nas solidões até que chegaram a uma caverna onde ele ficou preso por muitos anos.

“Para puni-lo por sua luxúria, ela chupava seus lábios até que ele desfalecesse, e o infeliz, perdendo seu sangue, fechava os olhos para não ver o rosto dela, peludo como o de um macaco orangotango. Ela, em poucos meses, ficou grávida e deu à luz dois gêmeos repugnantes: um vampiro e uma coruja. O missionário, desesperado por engendrar tais seres, fugiu da caverna, mas seus próprios filhos o perseguiram, e durante a noite, quando ele estava escondido, o vampiro sugava-lhe o sangue e a coruja o refletia, acendendo seus olhos cintilantes, como pequenas lâmpadas de vidro verde.

“Ao amanhecer continuava a marcha, procurando para seu frágil estômago uma porção de frutas e ‘palmitos’. E da Lagoa de Mapiripana, conhecida hoje com esse nome, andou por terra, saiu no rio Guaviare, aqui por cima, desorientado, subiu o rio em uma canoa que encontrou amarrada em uma doca; mas não conseguiu vencer o turbilhão de Mapiripán, onde a pequena índia tinha enfurecido a água, jogando na corrente pedras enormes. Logo desceu até a bacia do Orinoco e foi impedido de avançar por causa dos redemoinhos do rio Maipures, obra diabólica da sua inimiga, que também perpetrou nas fozes do Isana, do Inírida e do Vaupés. Tendo perdido toda a esperança de salvação, voltou para a caverna, guiado pelas lâmpadas da coruja, e ao chegar viu que a pequena índia sorria para ele no seu balanço de trepadeiras em flor. Ajoelhou-se para lhe pedir que o defendesse da sua progênie e desmaiou quando ouviu essa cruel admoestação: ‘Quem pode livrar um homem dos seus próprios remorsos?’.

“Desde então, dedicou-se à oração e penitência e morreu envelhecido e extenuado. Antes da agonia, no seu leito miserável de folhas e líquenes, a pequena índia o encontrou deitado de costas mexendo as mãos em delírio, como se quisesse pegar no ar a sua própria alma; e ao expirar, ficou revoando na caverna uma borboleta de asas azuis, imensa e luminosa como um arcanjo, que é a visão final daqueles que morrem de febre nessas terras.”

Nota da tradutora

A pequena índia Mapiripana é uma das histórias dentro da novela *La Vorágine*. Rivera acompanha a novela de um glossário, sabedor das dificuldades do leitor urbano que vai se aproximar dessa experiência vivencial e linguística do mato colombiano. A linguagem de Rivera nessa lenda, por enquanto, não depara maiores dificuldades para a tradução; chegam a ser as mesmas dificuldades que se encontram em português, como é o caso dos termos “botos” e “tracajá”, que assim como não são conhecidos em espanhol, mesmo para o leitor colombiano, no Brasil não são frequentes; o leitor terá que procurá-los no dicionário. A tradução ofereceu um desafio particular ao se tratar de um autor colombiano exposto por mim na língua portuguesa. Felizmente, fui auxiliada pelas atentas leituras de Joaquim e Emilene e pelo projeto de tradução no qual esta tradução se encontra inserida.

Cozido de soldado

*Puchero de soldado*⁷

Ricardo Güiraldes (1886-1927) – Argentina

Ricardo Güiraldes nasceu em uma família portenha abastada. Mudou-se para Paris ainda criança e aprendeu francês e alemão antes do espanhol. Viajou pela Itália, Grécia, Constantinopla, Egito, Japão, Rússia, Índia e Espanha, tendo o contato com esses países marcado seu futuro estilo cosmopolita e universal. Foi romancista e poeta, ligado à lírica gauchesca. Autor de *Don Segundo Sombra* (1926), recebeu o Prêmio Nacional de Literatura (1926). Outras obras notáveis são: *Cuentos de muerte y sangre* (1915), *Raucha* (1917), *Rosaura* (1917), *Xaimaca* (1923) e *Pampa* (1954).

Tradução de **Rafaela Marques Rafael**⁸

O trem cruzava uma estância que possuía várias vacas de raças nobres que, acostumadas com a passagem do grande lagarto de ferro, pastavam tranquilas.

Era um espetáculo muito conhecido e conversávamos, indiferentes, sobre incidências menores em nossas vidas campeiras.

Seu Juan estava a um tempo olhando pela janela e via coisas muito distintas das que nós pudéssemos ter visto.

Lembranças. E que lembranças não teria esse homem de setenta e quatro anos desde a sua juvenil participação na Guerra do Paraguai?

De repente pensou em voz alta:

— Nós nos assombramos com a evolução que observamos em Buenos Aires... é assombroso, de fato, o que vimos de progressos e aprimoramentos; mas há coisas incríveis no passado de um homem velho, e é de se perguntar se a gente não as viu em outra vida. Então, olho para essa estância e penso que talvez seja um

⁷ Conto original em espanhol disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/8729.pdf>. Acesso em: 11 set. 2018.

⁸ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Bolsista CAPES.

sonho o que nos aconteceu, a um grupo de homens, em épocas diferentes destas de agora, algo semelhante às cruzadas dos modernos dias europeus.

— O que aconteceu? — perguntamos, mais por complacência do que interesse.

— Imaginem que o Governo me encarregou de uma mensuração pouco tempo depois da campanha do general Roca contra os selvagens. Como o trabalho apresentava perigos, mandei pedir uns soldados a meu amigo, e quase parente, Napoleón Uriburu, que foi – como se sabe – um dos chefes expedicionários.

Uriburu me enviou quinze homens para completar uma comitiva apta a medir a terra e a defender-se cabalmente do possível ataque pampa.

Seríamos, então, vinte ao todo, com numerosos comboios de carroças e animais.

Trabalhávamos sem descanso, e à noite, para maior segurança, montávamos o acampamento rodeando-nos com as carroças, unidas por laços. Um homem ficava de sentinela; nada o fazia dormir. Os índios apareciam de repente, e ninguém morreria feliz sem lutar.

Naquela noite caíram em grande número. Não podíamos lutar com vantagem; mas, no lugar da investida que esperávamos, contentaram-se em incendiar o pajonal, e logo as chamas nos clarearam como se fosse de dia.

Você tinha que ver, amigo: tremíamos de medo como nossas sombras bailarinas. Morreríamos assados se ficássemos. E correr? Para onde correríamos que não fôssemos espetados com as lanças dos selvagens que nos esperavam para isso?

Era a morte a fogo ou a ferro. Podíamos escolher.

De repente vi a salvação. A lagoa onde tínhamos dado de beber a nossos animais um dia antes.

Dei o alerta, e corremos temerosos de não ter tempo. O calor feria já o corpo, e em tempo nos jogamos de cabeça na água, de reflexos luminosos.

Garanto que tenho um desconto no Purgatório. Com água até o pescoço, vimos chegar as labaredas, que roncavam em uma insistente nota grave; parecia que a terra se acabaria numa cortina de fumaça, e nossa face assava materialmente. Então começamos a única manobra de defesa. Ficávamos com a cabeça embaixo d'água o máximo de tempo possível para evitar a queimadura das labaredas que passavam por nós, mas tínhamos que respirar e, assim, brincamos de afogar até sentir o fogo se afastar.

A água parecia de cozido. Pensar em sair à terra era loucura. Teríamos fritado os pés como bifés. Optamos, pois, por ficar; e, aplacado o susto, nos sentindo como se ressuscitássemos, começamos a nos olhar. Não faltava ninguém.

Clareava já a manhã quando saímos da água, corados como flamingos e tremendo de frio em contraste.

Mas ríamos. Ríamos uns dos outros, apesar de ficarmos sem recursos no deserto, porque pensávamos que o fogo aceso para nossa morte nos salvara, levando os índios para longe de nós.

Nota da tradutora

Traduzir este conto foi um grande desafio, pois apesar de minha familiaridade e identificação com o espanhol argentino, a linguagem literária, afortunadamente, sempre apresenta inovações. O tom gauchesco que o autor deu ao conto e toda a atmosfera de reminiscências que o ambienta foram os pontos aos quais tive que me ater ao realizar a tradução. Para exemplificar, destaco uma das palavras cruciais que exigiu mais atenção no momento de traduzi-la. O título do conto em espanhol é “Puchero de Soldado”. A palavra “puchero” remete a um prato típico argentino, uma espécie de cozido que leva legumes e variados tipos de carne em sua preparação. Mas, no texto, não é exatamente de comida que o autor fala. Então, para chegar ao possível equivalente em português foi preciso “encenar” em minha mente a passagem do conto que remete ao seu nome, para então poder buscar um vocábulo que fosse ao encontro do efeito desejado pelo autor. Para isso, contei também com meus conhecimentos incipientes em culinária, li algumas receitas e busquei imagens do puchero para confirmar se equivalia à ideia proposta no texto.

História da senhorita Grão de Pó, bailarina do sol

*Historia de la señorita Grano de Polvo, bailarina del sol*⁹

Teresa de la Parra (1889-1936) – Venezuela

Venezuelana nascida em Paris, Teresa passa a infância na Europa, onde tem contato com a literatura desde muito jovem. Ao retornar à Venezuela, afirma-se como escritora, tendo seus primeiros contos publicados no jornal *El Universal*, em 1915. Consolida-se com os romances *Ifigenia*, de 1924, e *Memorias de Mamá Blanca*, de 1929. Sua obra traz à tona o drama de viver em uma sociedade que não permite às mulheres ter voz, o que a torna uma importante precursora da literatura feminista na América Latina.

Tradução de **Giordana Antônia Sfredo**¹⁰

Era uma manhã no final do mês de abril. O bom tempo, em delírio, contrastava ironicamente com um pobre trabalhinho de escrivão que eu tinha em mãos naquele dia. Tão logo levantei a cabeça, vi Jimmy, meu boneco de feltro, que se balançava sentado de frente para mim, apoiando as costas na coluna do abajur. A cúpula parecia servir-lhe de guarda-sol. Não me via, e seu olhar, um olhar que eu não conhecia nele, estava fixo, com estranha atenção, em um raio de sol que atravessava o quarto.

— O que tens, querido Jimmy? — perguntei-lhe. — Em que pensas?

— No passado — respondeu-me simplesmente sem olhar-me e voltou a abstrair-se em sua contemplação.

E como se temesse ter me ferido pela brusquidão da resposta:

⁹ Conto original em espanhol disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-de-la-senorita-grano-de-polvo-bailarina-del-sol--0/html/ff64e924-82b1-11df-acc7-002185ce6064_2.html. Acesso em: 11 set. 2018.

¹⁰ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Bolsista CAPES. Licenciada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) em 2016.

— Não tenho motivos para esconder-te nada — replicou. — Mas, por outro lado, nada podes fazer por mim, ai, ai... — e suspirou de uma forma que destroçou meu coração.

Tardou certo tempo. Deu meia volta às duas argolas de feltro branco que rodeiam suas pupilas pretas e que são a alma de sua expressão. Passou seu semblante ao ponto da atenção íntima, à fantasia melancólica. E me falou assim:

— Sim, penso no passado. Penso sempre no passado. Mas hoje, especialmente, esta primavera morna e insinuante reanima minha lembrança. Quanto ao raio de sol que crava a teus pés, presta bem atenção, o tapete que transfigura este raio de sol se parece tanto àquele outro no qual encontrei pela primeira vez a... Ah! Sinto que precisarás suprir com tua complacência a pobreza de minhas palavras!

— Imagina a criatura mais loura, mais argentada, mais loucamente etérea que já tenha dançado sobre as misérias da vida. Apareceu e meu devaneio se harmonizou naquele instante com sua presença milagrosa. Que encanto! Descia pelo raio de sol, marcando com sua presença deslumbrante aquele caminho de claridade que acabava de lembrar-me dela. Suspiros imperceptíveis ao nosso tato grosseiro animavam ao seu redor um povoado de seres semelhantes a ela, mas sem sua graça soberana, nem seu atrativo fulminante. Ela saltitava com todos por um instante, se enlaçava em seus grupos, escapava habilmente por um interstício, evitava com um salto o tosco abraço do monstro-mosquito ébrio e pesado como uma fera... enquanto um balancear insensível e doce ia atraindo-a até mim. Meu Deus, que linda era!

— Não tinha nenhum rosto propriamente dito. Eu diria que, na realidade, ela não possuía uma forma precisa. Mas, pegava do sol, com vertiginosa rapidez, todos os rostos que eu tivesse podido sonhar e que eram, precisamente, os mesmos com que sonhava quando pensava no amor. Seu sorriso, em vez de limitar-se às pregas da boca, se estendia por todos os seus movimentos. Assim, aparecia ora loura como o reflexo de um cobre, ora pálida e cinza como a luz do crepúsculo, ora escura e misteriosa como a noite. Era, ao mesmo tempo, suave como o veludo, louca como a areia no vento, pérfida como o ápice de espuma à beira de uma onda que se rompe. Era mil e mil coisas, tão rapidamente, que minhas palavras não conseguiam acompanhar suas metamorfoses.

— Fiquei por um longuíssimo momento olhando-a, invadido por uma espécie de estupor sagrado... De repente, me escapou um grito... A bailarina etérea ia tocar o chão. Todo meu ser protestou ante a infâmia de semelhante encontro, e me precipitei.

— Meu movimento brusco produziu extrema perturbação no mundo do raio de sol e muitos dos geniozinhos se atiraram, creio que por temor às alturas. Mas meus olhos não perdiam de vista minha amada. Imóvel, contendo a respiração, a espiava com a mão estendida. Ah, divina alegria! A maior e a última da minha vida. Nessa mão estendida ela havia caído. Renuncio a detalhar-te meu estado de espírito. Meu coração batia de forma tão acelerada que, em minha mão trêmula, minha dona dançava ainda. Era uma valsa lenta e cadenciada de uma sedução infinita.

— Senhorita Grão de Pó... — disse.

— E como sabes meu nome?

— Por intuição — respondi —, o... enfim... o amor.

— O amor — exclamou ela. — Ah! E voltou a dançar, mas de um modo impertinente. Pareceu-me que ria.

— Não rias — reprovei — gosto de ti deveras. É muito sério.

— Mas eu não tenho nada de séria — replicou. — Sou a senhorita Grão de Pó, bailarina do Sol. Sei muito bem que minha estirpe não é das mais brilhantes. Nasci em uma rachadura do chão e nunca mais vi minha mãe. Quando me dizem que é uma modesta sola de sapato, tenho que acreditar nisso, mas nada me importa, já que sou agora a bailarina do Sol. Não podes gostar de mim. Se gostares, vais querer também levar-me contigo e então, o que seria de mim? Prova, tira tua mão um momento e põe-na fora do raio.

— Obedeci. Qual não foi minha decepção quando em minha mão, reintegrada à penumbra, contemplei uma coisinha lamentável e disforme, de um cinza duvidoso, toda ela inerte e achatada. Tinha vontade de chorar!

—Vês! — disse ela. — Já está feita a experiência. Só vivo para minha arte. Volta a colocar-me logo no raio de sol.

— Obedeci. Agradecida, dançou de novo um instante em minha mão.

— De que coisa é tua mão?

— É de feltro — respondi ingenuamente.

— É áspera! — exclamou. — Além do mais, prefiro meu caminho aéreo, e tratou de voar.

— Eu não sei o que me invadiu. Furioso, pelo insulto, mas também pelo temor de perder minha conquista, arrisquei minha vida inteira em uma decisão audaz. “Será opaca, mas será minha”, pensei. Peguei-a e a prendi dentro de minha carteira, que coloquei sobre meu coração.

— Aqui está já faz um ano. Mas a alegria fugiu de mim. Esta fada que escondo, já não me atrevo a olhá-la, de tão distinta que sei que está daquela visão que despertou meu amor. E, no entanto, prefiro retê-la assim a perdê-la totalmente ao devolver-lhe sua liberdade.

— De modo que ainda a tens em tua carteira? — perguntei-lhe, mordido de curiosidade.

— Sim. Queres vê-la?

Sem esperar minha resposta e porque não podia aguentar mais seu próprio desejo, abriu a carteira e tirou o que chamava de: “a múmia da senhorita Grão de Pó”. Fingi que a via, mas só por amabilidade, pois, no fundo, não via absolutamente nada. Houve entre Jimmy e eu um momento de silêncio penoso.

— Se queres um conselho — disse, por fim — dou-te este: dá a liberdade à tua amiga. Aproveita esse raio de sol. Ainda que não dure mais que duas horas, serão duas horas de êxtase. Isso vale mais que continuar o martírio em que vives.

— Acreditas nisso deveras? — interrogou ele, olhando-me com ansiedade. — Duas horas. Ah, que tentações sinto! Sim, acabemos com isso: que seja!

Assim dizendo, tirou de sua carteira a senhorita Grão de Pó e voltou a colocá-la no raio. Foi uma ressurreição maravilhosa. Saindo de sua misteriosa letargia a bailarinzinha se atirou louca, imponderável e de forma espiritual, idêntica à descrição entusiasmada que me tinha feito Jimmy. Compreendi na hora sua paixão. Era preciso vê-lo imóvel, boquiaberto, ébrio de beleza. A voluptuosidade amarga do sacrifício se unia à alegria puríssima da contemplação. E para dizer a verdade, seu rosto me parecia mais bonito que a dança da fada, visto que estava iluminado de uma nobreza moral estranha à falaz bailarina.

De repente, juntos, soltamos um grito. Um inseto enorme e estúpido, um inseto grande como a cabeça de um alfinete, ao bocejar, acabava de engolir a senhorita Grão de Pó.

O que mais dizer agora?

O pobre Jimmy, com os olhos fixos, considerava a extensão do seu deleite. Ficamos um longo momento silenciosos, incapazes de encontrar nada que pudesse expressar, de minha parte, meu remorso, e da parte dele, seu desespero. Não teve nem para mim, nem para a fatalidade uma palavra sequer de reprovação, mas vi muito bem como, sob o pretexto de levantar a argola de feltro que matiza a expressão de suas pupilas, enxugou furtivamente uma lágrima.

Nota da tradutora

Traduzir o conto, inicialmente, foi um desafio, pois eu não conhecia a obra de Teresa de la Parra. Resolvi, então, procurar informações sobre autora e obra, a fim de entender suas temáticas. Nesse processo, descobri que se tratava de uma mulher à frente do seu tempo e muito engajada com a luta feminina. Sua consolidação como escritora, em uma época na qual o machismo imperava, me pareceu admirável, e sinto-me honrada por poder traduzi-la.

Quanto ao processo tradutório, não encontrei muitas dificuldades, já que a linguagem utilizada pela autora é muito compreensível para um falante de espanhol. Em casos pontuais de dificuldade, as intervenções da professora Martha Lucía Pulido Correa e da colega Emilene Lubianco de Sá se mostraram oportunas. Acredito que é impossível chegar a uma tradução perfeita, mas estou satisfeita com o resultado e espero que o leitor sinta o mesmo.

Mansilla

*Mansilla*¹¹

Carlos Reyles (1868-1938) – Uruguai

Filho de estancieiro, Reyles ajudou a fundar, em 1915, a conservadora Federación Rural, poderoso sindicato dos fazendeiros do Uruguai. *Mansilla*, de 1893, é um raro conto do prolífico ensaísta e romancista, e deu origem ao livro *El gaucho florido* (1930). A descrição do gaucho Mansilla evidencia o naturalismo de Reyles e sua familiaridade com o campo. Após a morte do pai, o escritor fracassou na administração dos negócios da família e morreu em posse de um único apartamento na sua Montevideo natal.

Tradução de **Diego Silveira Coelho Ferreira**¹²

No ermo, apesar da chuva e do vento, tateando envoltos pela escuridão reinante, conseguiram acender o fogo. Tão simples operação lhes custou grande esforço: tiveram de fazer com as facas um poço na terra úmida, tapá-lo logo, para que não se inundasse, com uma carona sustentada por quatro varas que serviam de colunas e que o vento derrubou duas ou três vezes, e depois fazer arder a escassa lenha à base de fósforos, sebo e pulmões. Por fim, a lenha ardia alegremente, e eles, gozando de certo bem-estar dentro de seus ponchos de inverno, falavam de coisas sem importância, enquanto à distância se ouviam os assobios de seus companheiros que pastoreavam o gado. De vez em quando, um relâmpago iluminava com lívida luz o horizonte, fazendo emergir da escuridão, aqui e acolá, ranchos e povoados de aspecto taciturno, lúgubre, e então se viam os bezerros espremidos uns contra os outros, com os traseiros ao vento e as cabeças baixas, e os tropeiros que, escorrendo água, vagavam ao redor das bestas.

— Tempo do diabo, desse jeito vamos ter um estouro! — exclamou prontamente Mansilla, o capataz, olhando em direção à tropa.

¹¹ Conto original em espanhol disponível em: http://www.autoresdeluruguay.uy/biblioteca/Carlos_Reyles/lib/exe/fetch.php?media=mansilla.pdf. Acesso em: 11 set. 2018.

¹² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Bolsista CAPES.

— Eu tô ensopado até os ossos... vida de cão, essa — articulou Esquivel, seu companheiro, e os dois guardaram silêncio por um breve instante, pensando talvez nos trabalhos e infortúnios de seu exaustivo ofício.

Eram tropeiros do Sauce. Todo mês saíam um par de vezes da estância e, seguindo a marcha lenta, regular e monótona do rebanho, que acabava por adormentá-los, caminhavam e caminhavam durante dias de intermináveis horas, suportando, do modo mais resignado que conseguiam, as geadas e o rigor do inverno ou os ardentes raios de sol canicular, as madrugadas frias e as noites tempestuosas e tenebrosas, repletas de estranhos barulhos e, nas quais, entre vagos temores, reavivavam suas obscuras crenças de infância, as velhas e quase esquecidas crenças inculcadas pela bondosa avó na fogueira do rancho paterno...

No começo não era ruim: os preparativos da partida, sobretudo, tinham especial encanto para eles. Tosavam e organizavam seus melhores e mais gordos cavalos; preparavam, entre alegres bate-papos e sonoras gargalhadas, as malas, geralmente compostas por uma muda de roupa, um par de alpargatas, o pesado poncho de pano e a chaleira, que levavam presa sob a barriga do cavalo, peça que, junto com a badana entre os coxonilhos, caracteriza o tropeiro; recebiam mil encomendas e encargos e, montando sobre os pingos recém asseados, se distanciavam a galope da estância para alcançar a tropa que invariavelmente pastava nos arredores. A mudança de vida e a relativa independência de que gozavam longe dos olhos do patrão os deixava falantes e brincalhões nos primeiros dias, mas depois de algumas noites de ronda e de ininterruptas marchas sob os raios de sol, começavam a se sentir incômodos e a mudar de posição sobre a sela, cujos pelegos expeliam fogo.

A maior parte das horas, passavam cochilando no compasso do fatigante “tô tô” com que tocavam o gado, e o restante num tal estado de sonolência e preguiça que os fazia percorrer imensas zonas de paisagens variadas sem que eles vissem outra coisa e, mesmo assim, confusamente, senão aquilo que tinham diante dos olhos lá, muito longe, em um ponto perdido do horizonte. De vez em quando, levantavam os olhos para seguir o tranquilo voo de uma cegonha, e logo voltavam a cantarolar o “tô tô tô” e a cochilar novamente. Algumas vezes, muito raras, distanciavam-se da tropa, a fim de tomar um chimarrão a cavalo em algum rancho conhecido ou apeavam em uma mercearia para tragar – olhando para as barras de ferro do balcão e os artigos suspensos no teto, cobertos de poeira e teias de aranha – meia libra de passas de figo e nozes molhados no vinho seco, mas em geral só interrompia a monotonia daquela existência nômade, a travessia do vau de um rio, sempre perigoso, ou o estouro do rebanho, no qual não raro algum quebrava a perna ou morria. Havia muitos exemplos disso. Por coincidência, Mansilla,

lembrando-se do que, naquele mesmo lugar, acontecera dois anos antes, disse, virando o churrasco que assava nas brasas:

— Eu tenho medo dessa bezerrada aí. Ainda vai nos dar um susto. Você se lembra, parceiro, dois anos atrás, aqui? Que estouro foi aquele! — e, deixando-se levar pela natural e animada eloquência do paisano, acrescentou, gesticulando muito: — Eu larguei na frente e, como tava bem montado, relaxei; mas, de repente, quem ia pensar nisso, meu cavalo se chocou contra uma cerca e eu voei longe. Essa foi minha sorte: se caio perto da cerca, eu não ia estar aqui pra contar a história, como o pobre “Benjasmín”.

O fato ocorreu de madrugada, quando se puseram em marcha. Os novinhos caminhavam tranquilamente, mas de súbito, assustados pela brusca aparição de um avestruz, bufaram de espanto e empreenderam a fuga. Um dos peões que corria na frente teve o azar de cair rolando do cavalo e foi realmente mutilado pelos cascos do gado.

— O pobre “índio” se levantou — disse o companheiro de Mansilla —, mas ali mesmo um boi acertou ele no jarrete e o desmembrou. Desde que o vi cair, contei ele entre os mortos. Quando a gente dominou a bezerrada e viemos pegá-lo, tava feito picadinho.

Ergueu a cabeça, deixando que a luz iluminasse plenamente seu rosto curtido pelo sol, e acrescentou triste, mas resignadamente, refletindo sobre como as escassas moedas ganhas por eles naquela árdua tarefa se esvaíam de suas mãos, mal tinham eles chegado em Tablada.

— E tudo isso para não sairmos da pobreza.

Mansilla fez um gesto de consentimento e os dois calaram de novo.

Depois de dois ou três dias de festa e regozijo no Paso del Molino, e depois de comprar umas bugigangas reluzentes nas lojas e “joalherias”, estas últimas abertas apenas para eles, tal como as ratoeiras para os ratos, voltavam ao Sauce com as guaiacas vazias, mas isso sim, muito bem trajados e carregados de lenços de seda e frascos de perfume para “se apresentar bem” a suas conhecidas do sexo feminino. Havia quem gastasse todos os meses o produto inteiro de seus trabalhos em se compor, produzir e parecer galante. Faziam isso por pueril vaidade, para não serem menos que os outros. Sobretudo os que “tropeavam” com Mansilla, contagiados com sua liberalidade e pelo desejo de imitá-lo no vestir, viam-se em sérios apuros para guardar alguns trocados em cada viagem. Mansilla era para eles o protótipo do gaúcho por excelência, o modelo do nativo que eles tinham na imaginação: alegre, falador, bom companheiro em toda sorte de acontecimentos, sagaz e “campeiraço”. E também era tido como exemplo fora da estância: não era

por menos que não o chamavam simplesmente de Mansilla, mas sim de o “gaúcho Mansilla”, como se quisessem expressar que era, mais que uma pessoa, um “modelo de homem”, um ser especial que levava em si “aquilo” que distinguia uma raça que já estava em extinção.

Recebiam-no em todos os ranchos em que apeava em seu retorno da cidade com prazer nada dissimulado; sua franca fala e estrondosa alegria eram desfrutadas como manjar apetitoso que se saboreia todas as tardes, quase como um favor celestial... Riam tão franca e abertamente que aquilo era uma bênção! Ademais, onde quer que estivesse havia uma viola de mão e, na falta de música, sua fala brincalhona enchia de júbilo até mesmo os mais rebeldes e retraídos. Os velhos se apraziam em repetir suas histórias e chistes, enquanto as moças pronunciavam seu nome rindo e virando os olhos à lembrança das cantadas que, apenas ausentes os pais, lhes dava ao pé do ouvido.

Com essas qualidades, não é de se estranhar que seus companheiros tratassem de seguir seus passos e até mesmo de superá-lo naquilo de ir de rancho em rancho, obsequiando as moças e conquistando as simpatias, o que lhes custava um bom dinheiro e sem que obtivessem os favores de Mansilla ou a estima geral de que este desfrutava; mas onde eles verdadeiramente se arruinavam era no esforço tenaz que exerciam de se vestir como ele e usar as mesmas peças de roupa. Todos almejavam ter estribos em forma de sino, cintos com passadores de ouro, rédeas com virolas de prata: aqueles que se matavam para imitar seus ponteados e floreios que executava a cavalo e montar de “perna aberta” o potro mais feroz. Muitos eram conduzidos por uma servil imitação, a ponto de enfiar o chapéu em cima das sobrancelhas como ele, de colocar o chiripá de carneiro preto com franja colorada meio arrastado até os calcanhares, que era como Mansilla o usava para se dar o vaidoso prazer de picá-lo com as esporas... Interiormente, sentiam vergonha de ser tão vaidosos e perdulários, mas olhando-se nas tranquilas e limpas águas dos riachos, “De qualquer modo, a gente vai continuar pobre”, diziam e sorriam, satisfeitos.

— Tô pensando em juntar os trapos — disse Mansilla, rompendo o prolongado silêncio em que tinham caído, e seu rosto simpático se iluminou como o de quem se dispõe a falar de assuntos muito íntimos e estimados:

— Logo não vou mais estar sozinho... tem de se olhar pra frente — e, sorrindo até mostrar seus dentes idênticos, um pouco grandes e cerrados, cuja brancura ressaltava sobre as gengivas vermelhas que também descobria ao rir, acrescentou: — Consegue adivinhar, parceiro?

Mas Esquivel, como resposta, dirigiu-lhe um olhar indiferente, colocando depois o chapéu sobre os olhos, como se quisesse fugir dos interrogadores olhares de Mansilla, que, sem percebê-lo, prosseguiu:

— Quero confessá-lo a você antes de a qualquer outro; sim, parceiro, tomei a decisão de contrair matrimônio.

Silêncio glacial. “Por que, que quer dizer isso?” perguntou-se, vendo que seu amigo o escutava sem dar mostras de simpatia nem sequer de interesse, fechado em um silêncio hostil, evidentemente hostil. Parecia-lhe desconfortável, e ao dizê-lo se sentiu angustiado por uma inquietação estranha, e o sorriso escapou de seus lábios.

Em silêncio cortou um pedaço de carne, e, depois de comer alguns bocados, disse resolutamente:

— Parece que a notícia não foi de seu agrado. Você não gosta da moça ou o quê?

Esquivel, evitando a pergunta e em tom pomposo, deixou cair estas palavras:

— O homem tem de picar de flor em flor e voar.

E então, ele, precisamente porque compreendia que seu companheiro não via com bons olhos a Margarita, começou a ponderar e explicar o quanto estava decidido. Falou de como era boa, moderada e trabalhadora e do tanto que parecia gostar dele, e concluiu dizendo-lhe que o próprio patrão, mesurando as virtudes da moça, tinha lhe aconselhado a se casar.

— Você é maior de idade; faça o que quiser. Mas eu repito: o homem deve picar de flor em flor e voar.

Mansilla não pôde senão rir da seriedade de seu amigo.

— Relaxe, parceiro — disse —, você tem alguma coisa contra a moça. Fale de uma vez e deixe de rodeios, que eu não tenho medo de assombração.

Ao que respondeu Esquivel, saindo de sua atitude reservada e fitando-o de frente:

— Todas as mulheres são da mesma laia. Eu, parceiro, sou mais velho e já as provei. Para mim, sua mulher está jogando sujo com você. Tá aí o que eu tinha preso na garganta. Sou seu amigo e é isso que lhe digo.

Com as espessas sobrancelhas arqueadas e dilatadas as narinas do aquilino nariz, Mansilla olhou seu amigo por um instante e em seguida, fazendo um violento

esforço para domar a expressão feroz que enfeava seu rosto, disse com voz rouca e trêmula:

— Você é meu parceiro e pode me dizer o que quiser... se tivesse sido outro, nesta altura já teríamos partido para a porrada. Saiba que minha chinoca não é dessas... Mangacha é Mangacha, e como Mangacha não há outra.

Como era hora de dar folga aos peões, Esquivel se dirigiu a seu cavalo.

— Tudo bem, eu dizia o mesmo de Nicolasa — retrucou ao montar, e depois falou para si mesmo, enquanto, a trotadas, se distanciava da fogueira: “Bicho sonso é o cristão quando se apaixona”.

Poucos momentos mais tarde, Mansilla, com o chapéu na mão e a melena desgrenhada ao ar, também montava e se perdia na escuridão. Nessa noite, não cochilou sobre o cavalo como outras vezes; até o amanhecer, os peões ouviram seus assobios e o viram vagar em torno do rebanho, passando na frente deles sem pronunciar palavra, como alma penada.

Quando o sol raiou, entraram em Tablada.

Um quarto de légua antes, na beira de um riacho, Mansilla pôs os pés no chão e, sob o poncho, trocou de roupa – como sempre fazia naquele trecho –, deu uma boa limpada com areia molhada nas rédeas, nos estribos e freios, e, atando o rabo de seu cavalo, voltou a montar, entrando em Tablada tão sorridente e feliz como sempre, distribuindo cumprimentos e simpatia a torto e a direito.

— O que manda o gaúcho Mansilla? — gritou-lhe um dos compradores –; parece que deu banho nos bezerros! Tão muito altos esses riachos?

— Mais ou menos. Na altura do peito dos patos — e depois desse gracejo, lembrando-se das palavras de Esquivel através de uma inexplicável ligação de ideias, pensou: “Por que será que meu parceiro me disse isso?... E quando ele disse... Ah, Mangacha, Mangacha!”, e seguiu troçando com os compradores, que já o tinham cercado dispostos a jogar conversa fora.

Como a escassez de gado era grande, a tropa foi vendida nesse mesmo dia, e Mansilla se viu livre antes do que esperava. Acertou as contas com o vendedor do rebanho do Sauce, e capataz e peões se dirigiram ao Paso del Molino para gastar alegremente o dinheiro ganho na viagem. Mas desta vez ele tinha outros objetivos: iria comprar o presente de casamento. Separou-se de seus companheiros e se dirigiu a uma das mais luxuosas joalherias. Desde o primeiro momento foi seduzido por uma gargantilha de filigrana de prata, um trabalho florentino pelo qual pediam trinta pesos, dez a mais do que ele tinha; mas como era freguês antigo,

o joalheiro não teve inconveniente em fiar o restante, e Mansilla se viu em posse do belo adereço.

“Vai cair como uma luva nela”, disse a si mesmo duas ou três vezes enquanto voltava para a pousada, acariciando mentalmente o pescoço roxo e bem torneado de Mangacha; mas ao vislumbrar Esquivel na porta e, sobretudo, ao sentir sobre si o olhar escrutinador deste, voltou a se sentir incômodo e atormentado pela dúvida. “E se estiver jogando sujo?... Mas será que isso pode ser verdade?”, e pensando assim, foi acometido pelo veemente desejo, pelo fortíssimo anseio de voltar a vê-la, porque imaginava que a vendo se sentiria imediatamente tranquilizado. “Sim, sim, é melhor vê-la”, repetiu diversas vezes.

“Meu pobre parceiro foi enfeitiçado pela bruxa”, murmurou Esquivel, vendo-o se distanciar. “Mas o que eu posso fazer? Acontece o mesmo com todo mundo... Malditas sejam as mulheres!”.

Mansilla galopou, galopou e galopou. As dúvidas que antes o acometiam de vez em quando estavam se convertendo em um pensamento fixo, um desespero que roía suas entranhas. Ao se ver sozinho, quis pôr no lugar suas ideias, que em tumultuado açodamento investiam seu cérebro, recheando-o de sombras e dúvidas, e disse: “Devagar sobre as pedras, Mansilla, porque desse jeito esses cavalos velhos não vão aguentar”. E, passando a mão na testa, prosseguiu:

— “Vamos lá: para onde eu vou, o que vou fazer? Mesmo que o Esquivel tenha me dito isso, será que é verdade que ela me engana?...” e se pôs a pensar nos tantos momentos que passou junto a Margarita até representá-la tal como ela era, nos mínimos detalhes de seus atos, gestos e trejeitos.

Viu-a com os braços estendidos para o ar e um lenço de seda na cabeça, lavando na beira do riacho, em uma postura que ressaltava suas belas formas, ou já debaixo do umbu que abrigava o rancho, cevando chimarrão com leite a sua velha e sorrindo para ele com aquela boca de expressão graciosa e pura, que era o que mais o fascinava e o que menos o deixava acreditar agora que ela fosse infiel... “Enganar-me, por quê?...” e, lembrando de seu doce sorriso, acrescentava: “Não, não é verdade, não pode ser verdade”.

Nessas esperanças passaram algumas horas. Lá pelo meio-dia, trocou de cavalo e continuou seu percurso, passando a pleno galope, sem nem olhar, na frente dos ranchos onde costumava se deter. “Ah, Mangacha, Mangacha!” suspirava, e esporava o cavalo sem piedade, sentindo cada vez mais a necessidade de vê-la. Atravessava as campanhas, escalava as colinas, descia abaixo os declives, sempre a meia-rédea, como se fugisse de algum inimigo invisível ou de sua própria sombra.

Em uma estância onde era conhecido, pediu um churrasco e, recusando-se a ficar ali, foi assá-lo na encosta de uma coxilha, longe da estrada e dos inconvenientes olhares dos transeuntes.

Desejava ficar só para pensar com juízo naquilo que tanto mal lhe fazia. Contemplando distraidamente, enquanto ardia a lenha, seu belo arreio de montaria, repleto de prata brilhante, perguntou-se vaga e inconscientemente como tinha conseguido ganhar tanto para adquirir tão onerosas prendas, e de súbito começou a recordar, também de modo vago e como que pensando em várias coisas ao mesmo tempo, os muitos favores que devia ao patrão.

Sem dúvida tinha caído na sua graça. Seis ou oito meses depois de ingressar como peão, os superiores deram por distingui-lo, confiando-lhe alguns trabalhinhos e transportes de gado; mais tarde o colocaram como posteiro e, por fim, capataz de tropa. E precisamente a sorte lhe sorria, ele lembrava bem disso naqueles momentos, desde o exato instante em que se relacionou amorosamente com Margarita. “Ela, sem dúvidas, é meu amuleto”, disse, e, repetindo a si mesmo essas palavras com uma insistência alheia à sua vontade, empalideceu muito e seu rosto se desfigurou, até adquirir a expressão idiota de surpresa e abatimento. “Então é o patrão!”, murmurou. E através dessa cruel suspeita, que não se esforçou para rejeitar, acreditou explicar sua estranha sorte no Sauce. “Está tudo mais claro que água”, e logo, não mais com a suspeita, senão com a firme convicção de que Margarita o traía, acrescentou alto, como para que ele mesmo ouvisse: “Eu só servi de fachada, que nem um tonto...” e, erguendo-se, deu um pontapé no churrasco e montou de novo.

Mugindo relaxadamente se dirigiam as vacas a seu destino, e as corujas acompanhavam, chirriando, a lenta e doce morte da tarde. Quando caiu a noite, o gaúcho Mansilla, rodeado pelas trevas, seguiu avançando a trotadas.

Ao amanhecer, entreviu à distância o rancho de Margarita, algo embaçado, quase imperceptível nas névoas da manhã. Perdeu-o de vista em uma depressão e, ao aparecer de novo ante seus olhos, seu coração transbordou. Perdia ali seu único fio de esperança: ao pé do umbu meneava a cabeça para cima e para baixo sem parar o pangaré de *don Gonzalo*. Mansilla engoliu sua dor com um juramento seco e breve e se deteve, sem saber o que fazer. Mas, poucos instantes depois, mal percebendo, atraído por inexplicável força, foi se aproximando do rancho.

Ao vê-lo, Margarita, que saía do rancho com a chaleira na mão para enchê-la de água na cacimba, quis fugir, mas ele a alcançou e a jogou violentamente no chão, pôs-lhe o pé no pescoço, como fazia com os cordeiros para marcá-los com mais comodidade. Um homem de uns cinquenta anos saiu então da casa, correndo ao auxílio da infeliz:

— Não chega perto, velhote, porque eu te corto — gritou Mansilla, detendo-o com um suave golpe de punhal e um olhar turvo. E logo, encurvando-se sobre Margarita, que gemia sob a bota, agarrou sua trança e a cortou pela raiz com um só talho. Amarrou-a no rabo de seu cavalo, de modo que ficasse bem visível, e se distanciou, sem muita nem pouca pressa, em direção à estância.

— Acabei de rabonar a égua real — disse aos peões ao mesmo tempo em que tirava de seu cavalo o bonito e valioso arreio de montaria e lhe colocava aquele mais humilde com que tinha chegado na estância dois anos antes.

— Isto trouxe e isto levo comigo — acrescentou, disposto a partir.

Os peões o fitavam suspensos, compreendendo perfeitamente, por suas palavras e as belas tranças de Margarita, que todos conheciam, o que havia ocorrido.

— Aonde você vai, irmãozinho? — perguntou-lhe carinhosamente um camarada, aproximando-se dele.

— Sei lá. Vou rodar por aí. Chão não falta — e depois, dirigindo-se a todos em geral, completou:

— Adeus, cavalheiros! Vocês são testemunhas de que o gaúcho Mansilla vai embora como veio: com a cabeça erguida —, e tomou o caminho dos montes.

Ao se ver só, sozinho com sua dor, sem ter por que fingir nem a quem enganar, deixou-se cair do cavalo e, pegando carinhosamente a maltratada trança, cobriu-a de lágrimas e beijos. “Ah, Mangacha, Mangacha!” suspirava, sentindo que, apesar de tudo, sua alma partia com ela. Através de suas lágrimas e dos galhos retorcidos das acácias, entrevia o rancho da ingrata, incendiado pelos raios vermelhos do astro-mor, que pairavam no horizonte com sua habitual pompa de raios e resplendores. Gorjeavam os pássaros, animava-se a natureza inteira com o nascer vivificante do sol... E, no entanto, ele morria de dor. “Ah, Mangacha, Mangacha!” repetia, embrenhando-se cada vez mais na espessura do monte, como um cervo ferido que foge do barulho e da luz.

Nota do tradutor

Esta tradução do espanhol para o português que apresento é a de um texto literário centrado no universo rural e gauchesco do século XIX. Embora os ossos do ofício *del gaúcho del monte* me sejam completamente desconhecidos, o ser humano e parte da sua linguagem não são. Herança familiar. E foi ela que me levou a esta empresa tradutória, agradável volta às raízes. Assim, a compreensão do texto e dos

sentimentos não foi grande problema; minha experiência diz que mudou pouco o homem do campo uruguaio desde Reyles. Porém, o léxico foi desafiador: também os peões têm seu jargão. Não obstante, creio que a tradução se beneficiou do fato de o extremo sul brasileiro ser contíguo ao Uruguai, o que faz com que *gaucho* e *gaúcho* sejam diferentes pouco mais que um acento. A tradução fez o possível para expressar essa semelhança, sem descuidar das diferenças.

O arbusto

*La mata*¹³

Tomás Carrasquilla (1858-1940) – Colômbia

Um dos maiores autores da Colômbia, Tomás Carrasquilla Naranjo nasceu na região de Antioquia. Filho de Rafael Carrasquilla, um engenheiro civil, aprendeu com sua mãe, Ecilda Naranjo, o gosto pelas letras. Aos 16 anos viajou a Medellín para estudar Direito na Universidade de Antioquia, mas a Guerra Civil de 1877 o impediu de continuar. Escreveu seu primeiro romance *Frutos de mi tierra* em 1896 e, dentre outras coisas, escreveu poemas, crítica literária e contos. O conto *La mata*, escrito em 1915, é bastante representativo de sua obra comumente voltada ao relato da vida cotidiana. Em 1935 recebeu o prêmio Nacional de Literatura, quando estava já com 78 anos de idade.

Tradução de **Joaquim Martins Cancela Junior**¹⁴

Morava sozinha, completamente só, em um quarto estreito e sombrio de fundo de bairro. Seus laços sociais não passavam da compra, nem sempre cotidiana, de pão e combustível, em alguma venda próxima; do trato com sua escassa freguesia, e de seus encontros com o terrível dono do cortiço. Este homem implacável ameaçava jogá-la na rua cada vez que lhe faltava um oitavo sequer do aluguel semanal. E, como poucas vezes completava a soma, vivia pendente da ameaça.

Depois de ensaiar vários ofícios, acabou como passadeira de clientes pobres, já que para os ricos não eram suficientes suas habilidades. Faltava-lhe trabalho com frequência, e então os jejuns eram inevitáveis. A fome, contudo, não pôde lançá-la à mendicância.

¹³ Agradecimentos a Adolfo Arango por autorizar gratuitamente a publicação. Conto original em espanhol disponível em: <http://www.tomascarrasquilla.net/node/141>. Acesso em: 11 set. 2018.

¹⁴ Doutorando no Programa de Doutorado Interinstitucional (DINTER) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC) e Universidade Federal do Pará (UFPA).

Era um desses seres a quem a roda da vida vai empurrando ao despenhadeiro, sem chegar a derrubá-los. Mais que velha, estava maltratada, avariada pela miséria e pelas borrascas juvenis. Daquela formosura soberana, que viu aos seus pés tantos adoradores, não lhe restava nem uma bruma. De suas posses e ornamentos dos tempos prósperos, só guardava a recordação dolorosa. Daquele naufrágio não havia salvado mais do que a carga de seus desenganos.

Sua história, a de tantas infelizes: veio de qualquer subúrbio, ainda menina, para trabalhar na cidade; tão logo se abriu ao sol da manhã aquela rosa incomparável, e... o de sempre. Pobre flor!

Teve dois filhos e foram seu tormento. O menino fugiu dela e se foi para longe, tão logo se sentiu rapazinho. Sua filha, um anjo do céu, o pai carregou, aos primeiros balbucios, para onde nunca soubesse da mãe.

Nem um amigo nem uma companheira lhe restavam em seu crepúsculo, a ela que os teve sem casos em seu zênite; nem uma palavra de comiseração a ela que ouvira tantas lisonjas. E, as poucas vezes que implorou um socorro, de algum bolso outrora seu, não obteve nem sequer uma resposta. O desprezo dos uns, o desconhecimento dos outros, caíam sobre ela como a pedra mosaica sobre a hebreia infiel. A pobre borboleta, já cega, sem esmalte nem iridescência, se recolheu, em seu assombro, para morrer entre o pó abrigado da gruta.

Em seu definhamento não pensava no céu nem na terra; não pensava em nada que poderia redimi-la. Que ia pensar a infeliz?! Só sentia a fome da fera que já não pode buscar o alimento para si; só o frio da ave enferma que não encontra o ninho.

A fome material... muito horrível, muito assombrosa! Porém outra do coração; esta necessidade de um ser a quem amar; com quem repartir a negra existência; esta solidão da velhice, não podia, não era capaz de encará-la.

Conseguiu um gato, um gato muito lindo. Porém os gatos, assim como o amigo, fogem das casas onde o lugar não abrasa. Duas vezes teve papagaio, e um e outro morreram de inanição. Sua desgraça alcança até os pobres animais. Se ela conseguisse uma companheira que não comesse... mas, quando?

Um dia, ao passar pela ruela um carro com pertences de uma família de mudança, caiu junto da sua porta um vaso com uma planta. Como se fez em pedaços, o deixaram ali abandonado. Pegou ela a raiz, semeou-a em uma vasilha sem fundo e a pôs em um canto, junto à entrada.

Antes de um ano era uma planta que chamava a atenção dos transeuntes. Regar, retirar as folhas secas, adubar, era sua alegria. Uma alegria muito grande e muito peculiar. Tão peculiar, que sempre recordava sua filhinha, as poucas vezes

que pôde penteá-la e arrumá-la. Propuseram-lhe comprá-la a muito bom preço. Vender ela seu arbusto? Se lhe parecia que era pessoa como ela; que era algo seu; que a acompanhava; que sabia o que pensava! Seu cubículo já não estava tão triste nem tão feio. E a pobre, autossugestionada por esta ideia, já punha algum esmero no asseio e no trato do quartinho.

A planta ia crescendo à sombra. Como se Deus a abençoasse. E Deus a abençoava, porque consolava a uma alma triste. Num dia, chegou um braço até a viga, outro levantou um broto, outro se curvou em arco. Sua dona então, pregou duas varas, amarrou o talo, e a guirlanda de brilhante folhagem e de campânulas púrpuras foi se estendendo, pomposa e exuberante, até formar um domo. As pessoas se detinham a contemplar tanta delicadeza e galhardia. A pobre mulher, menos coibida, mandava entrar aos curiosos para que vissem tudo aquilo. Até uma senhora de muito luxo entrou um dia.

Seu arbusto ia lhe reavendo o trato com as pessoas; ia lhe dando nome. Já não se sentia tão desprezada nem tão abatida. Como já podiam vê-la os estranhos, não era tão descuidada em seu traje, e espanava as paredes e enfeitava seus pobres apetrechos com o primor que na miséria cabia. Dia após dia ia aumentando o asseio. Tanta limpeza lhe atraiu mais clientela e se fez célebre no bairro. O quarto de María Engracia se parecia com um copinho de prata.

Uma manhã entraram duas senhoras para contemplar o arbusto. Admiradas do aspecto daquela vivenda mísera, que a pulcritude fazia agradável, se desfizeram em elogios. Essa noite fez o que não fizera desde os tempos de serviço: rezou à Virgem o rosário inteiro. Outro dia tirou de um baú, de onde se infestava no esquecimento, um pequeno quadro da Dolorosa. Pendurou-o sobre sua cabeceira e lhe pôs um ramo, o primeiro que retirava do arbusto. Um domingo foi à missa da manhã.

Aquele espírito, que parecia morto, ressuscitava. Assim entendia ela. Tudo era um milagre, um milagre que lhe fazia nosso Pai Jesus de Monserrate, por meio do arbusto. Sim, Ele era. Recordou, então, que um domingo, em seus tempos tormentosos, ao descer da serra com outras companheiras, tinha lhe deixado um cartão, na última estação. Recordava tudo, ponto por ponto; sua amiga Ana, que era muito instruída e muito grandiosa, tomou um lápis e pôs ao pé do nome assim: “Lembra-te de mim, que sou uma triste pecadora”. E tudo isto, que tinha esquecido por completo, por que o recordava agora, como se o estivesse presenciando? Pois, por milagre...

Ao sábado seguinte se prostrava ante um confessor. Não foi pouco o susto dos vizinhos quando a viram ajoelhada no comungatório para receber a Hóstia Santa. Daí adiante levou vida piedosa interior e exteriormente. O arbusto, mais

loução e florido cada dia, chegou a ser para ela um ser sobrenatural, enviado por Jesus de Monserrate para sua retificação e tutela.

Entretanto, ia se sentindo muito enferma e debilitada. Davam-lhe palpitações com frequência; com frequência se lhe ia o mundo, e mais de uma vertigem a desvaneceu na igreja. Pressentia seu fim muito próximo, mas sem pena; antes bem com uma doce serenidade. Se ela pudesse transplantar seu arbusto sobre sua sepultura!

Um dia chegou furioso o dono do quartinho, Só a uma perversa como ela lhe ocorreria pôr esse matagal, para tombar o quarto com a umidade. Se não tirasse pronto aquela ociosidade a jogava na rua com tudo e suas tralhas.

Ela se põe a chorar, sem que pense nem em tocar no arbusto. Pela tarde torna o homem e ataca a porretadas contra vasilha, flores e folhagem. Joga tudo na rua e faz sair os móveis em seguida. María Engracia desmorona, presa de uma síncope. Dali a levam para o hospital. Em seus delírios, vê seu arbusto frente a sua cama, como o arco do triunfo para entrar ao paraíso. E ao amanhecer de um domingo, cai para sempre na rede infinita da Misericórdia.

Nota do tradutor

A produção deste volume resulta de uma experiência rara, executada em dois momentos principais. No primeiro, cercamo-nos de dicionários, *sites* e tantas ferramentas quantas nos parecessem úteis à tradução dos contos, sempre acompanhados das precisas observações de nossa professora. Posteriormente, em sala de aula, tivemos a oportunidade única de implementar um exercício de tradução muito próximo ao que Haroldo de Campos (1992), em *Tradução como criação e crítica*, chama de Laboratório de Textos – um processo tradutório em que estão envolvidos profissionais de diversas áreas e, em nosso caso específico, ainda mais do que isto: de falantes de variadas faixas etárias e regiões do país. Some-se a isso um fator comumente negligenciado nas academias: a forte empatia do grupo promovida pela docente e teremos assim duas coletâneas, uma de contos e outra de amigos.

O gato

*El gato*¹⁵

Alfonso Hernández Catá (1885-1940) – Cuba

Nascido na vila Aldeadávila de la Rivera, em Salamanca, Espanha. Filho de pai espanhol e mãe cubana, destacou-se entre os principais escritores cubanos posteriores à independência do país. Grande admirador de autores renomados – traduziu obras de Edgar Allan Poe –, introduziu na história literária cubana e latino-americana novos temas e formas narrativas, contribuindo significativamente para a renovação da literatura, tanto no que diz respeito à sua obra quanto às suas traduções. Embora tenha publicado diversos romances, como *Pelayo González*, *A morte nova*, *O bebedor de lágrimas* e *O anjo de Sodoma*, alcançou maior êxito na produção de contos, reunidos em volumes como *Os sete pecados*, *Os frutos ácidos*, *Pedras preciosas* e *Manicômio*. Alfonso Hernández Catá fez carreira diplomática, o que o levou a residir em diversos países da Europa e da América. Faleceu em um acidente de avião no Rio de Janeiro, durante uma viagem de trabalho, em 8 de novembro de 1940.

Tradução de **Emilene Lubianco de Sá**¹⁶

Entendo que de cada evento, de cada caso, só é possível oferecer ao público – cuja pálida curiosidade percorre os jornais – um esquema aproximado da verdade. Mas, desta vez, a notícia difundida pela imprensa foi tão mentirosa que me incita a corrigi-la. Os dois missionários não morreram no mesmo dia nem foram assassinados pelos chineses que pretendiam converter. O primeiro, o velho, faleceu de insolação em poucas horas; o outro, o jovem, suicidou-se quinze dias depois ao lado da caixa onde acabara de morrer o gato selvagem por ele domesticado com ternura paciente e egoísta.

Afirmar que um homem consagrado ao serviço de Deus se suicida é uma impiedade tremenda. Eu sei. Acrescentar que sua mão direita não decidiu apoiar o revólver contra sua testa até que o coração do pobre gato tivesse parado de bater,

¹⁵ Conto original em espanhol disponível em: <http://www.hostos.cuny.edu/oaa/pdf/lawi/article13sep3.pdf>. Acesso em: 11 set. 2018.

¹⁶ Bacharela em Letras – Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua como tradutora, preparadora e revisora de textos acadêmicos e literários.

agrava tal impiedade com algo pueril, burlesco. E, no entanto, foi assim: frei Juan foi levado por Deus, e frei Leopoldo foi, não sei se em direção a Deus, mas em direção à morte, por vontade própria, quando o gato caiu duro depois de miar pela última vez.

O acaso colocou diante dos meus olhos as notas escritas pelo frade, encontradas sobre o cadáver de um velho que veio vender meadas de seda virgem para nossa fábrica em Amoy. Essas anotações me permitiram olhar para a borda da história que os jornais publicaram uniformemente com esse lugar-comum: “Dois missionários mortos na China pelos nativos”. Talvez seria melhor reproduzir as anotações de maneira ordenada, mas, depois de lidas, não tenho paciência para copiá-las letra por letra. Homem de ação, prefiro resumi-las. Se algum comentário acender uma lembrança da minha fantasia, tentarei fazer com que a fagulha sirva para iluminar melhor a veracidade do relato.

Não sei como o frei Leopoldo se chamava quando criança – todos os desejos de escapar à lei humana, para humanizar-se mais no vício ou para divinizar-se no claustro, coincidem com a particularidade de trocar de nome –, mas, para mim, é fácil imaginar a pequena cidade levítica escondida sob a sombra do convento, e o pequeno órfão que, acolhido pela piedade e depois educado em uma atmosfera de penitência, foi elevando a sua alma com o amor de Deus e oscilou, nos modos tradicionais de servi-Lo, os entusiasmos de um temperamento rico em sangue e em imaginações.

Para frei Leopoldo, muito antes de ser homem e vestir o hábito, a porta do convento mal se abria para uma rua que, com poucas outras, refletia em miniatura as paixões do mundo; e as janelas mal dominavam uma paisagem de terra empoeirada em que se agarravam heroicamente algumas figueiras e oliveiras. Seu mundo era mínimo, e seu universo imenso: aspirava ao favor celestial, e o âmbito de um mundo ilusório, feito de submissão religiosa e de projetos, obrigando-o a olhar muito longe, apagava as turbulências terrenas de gula, luxúria e inveja que sedimentavam sua argila concupiscente na vila e até mesmo na vida monástica.

Enquanto certo tenente da milícia terrena realizava uma jornada prodigiosa em torno de seu quarto, o cadete da milícia celeste realizava diariamente travessias fantásticas. Outras crianças brincam com objetos ou com ideias menores; ele brincava com Deus, e os frades, o claustro protegido do sol por persianas verdes, e o poço de onde entre boatos e verdades pretendia tirar a lua com o balde e a polia estridente, eram brinquedos aos quais nunca deixou de se referir em todas as horas de sua existência conventual ao seu destino de ser santo e redimir as almas privadas da luz da fé.

Feio, ingênuo, veemente, passou da infância à puberdade sem que a mudança alterasse seu cosmos. Para ele, só existia o convento, o vilarejo e, no entorno, o mundo ocupado pelos infiéis.

Frei Juan, seu mentor, costumava dizer-lhe:

— Quando você se tornar um frade de verdade, nós dois iremos à China pregar a fé do Senhor.

— Como eu desejo que o tempo passe! — respondia ele.

E como o tempo na clausura adquiria a aparente imobilidade de uma dessas rodas cujo giro é tão rápido que excede a percepção da visão, o projeto do velho e do jovem passava inalterado por meses e anos. E sempre que se viam no coro entre o azul do incenso vibrante de cantos gregorianos, ou nas tardes aveludadas do pequeno pomar, ou na sala de jantar, quando alguma palavra do leitor os arrancava da refeição levando-os para longe; aquele propósito de darem juntos um sentido pragmático às suas vidas os unia com um laço forte e invisível. E em suas conversas o infantil e o viril se fundiam sob a tocha da fé:

— Quando estivermos “lá”, olharemos sempre para aquela estrela.

— Os olhos da Virgem, é assim que chamo aquelas duas tão próximas e azuis.

— E em um poço como este, brincaremos também de tirá-las com um balde d’água, para dar de beber aos recém-convertidos.

— O poço sempre me causa medo: parece uma pupila do centro da terra. E no centro da terra está Satanás.

Eles falavam com tanta inocência que pareciam crianças. E num dia como todos, depois de muitos, o vilarejo os viu sair pelo portão de ferro do convento. Os hábitos da mesma cor, os rosários terminados em imponentes cruces, como espadas de tamanho desproporcional, golpeando suas pernas ao andar, o passo resoluto, as faces escurecidas, os olhos ardentes de jejum e ilusão, reduziam ao mínimo a diferença de idade entre eles. Já estavam ali, diante das solas de suas sandálias, a aventura que por tanto tempo lhes pareceu remota! Finalmente: seus sonhos se realizariam! Umas quantas semanas, umas quantas léguas, e os dois desembarcariam na China sem outras armas além das Sagradas Escrituras e do espírito de Jesus, dispostos a aumentar seu rebanho e a sofrer por ele o martírio ou a morte.

Dentro em pouco lhes seriam úteis os jogos sérios de tantos dias, as abstinências para fortificar a alma, os exercícios para fortalecer o corpo, os estudos orientalistas, os diálogos nos quais, alternativamente, eram ambos pregador e alma

fechada às luzes divinas. Os dois haviam desejado e imaginado aquele instante da partida com tanta veemência que a emoção de o viver se galvanizou. Tudo era simples: uns quantos abraços, umas quantas exortações, uma carroça que polvilha o silêncio do campo com o chacoalhar dos arreios dos cavalos e os leva a uma cidade de onde parte um trem; horas e horas rodando entre nuvens de fumaça, atropelando paisagens; e, finalmente, o porto, o navio com sua novidade imponente, a terra que vai se afastando, afastando até romper o istmo que a liga ao passado e deixar o navio só no meio de um círculo azul.

Mas então, para os dois religiosos, foi quando o istmo espiritual se criou e começou a crescer a cada instante, como se cascalhos flutuantes de lembranças e melancolias nascentes impedissem as ondas de inundá-lo. Aquele mundo do vilarejo onde eles acreditavam ter vivido sem estar nele, surgia pouco a pouco do passado para servi-los como o único ponto de referência humana. Faces que eles mal olharam por anos apareceram na memória com todas as características precisas. Além do mais: o vasto universo que começava a desenvolver um fragmento de seu panorama diante deles era de referências contínuas aos detalhes do lugar minúsculo de onde vinham.

— Aquele homem de turbante, não se parece com o frei Mamerto?

— Sim... Eu sabia que ele me lembrava alguém, mas não sabia quem... É ele mesmo, o frei Mamerto, sobretudo quando ri... E aquele oficial, o dos dois distintivos, não lembra o...?

— Romualdo, o carteiro, sim. Há também um maquinista que se parece com o dono da loja de aviamentos. Você vai ver.

E desceram para vê-lo juntos, como se fosse um espetáculo emocionante. Essa foi, no tédio da viagem, sua única diversão. Diversão às vezes inquietante, pois fazia seus corações baterem com um amor que ignoravam possuir: o amor de todo ser vivo, tanto quando se caminha para o céu como quando se fica para trás e a juventude é irrecuperável.

Assim, juntamente com os devotos da *via crucis*, outros rosários profanos iam debulhando suas contas: frei Juan notou que o recuo branco da passagem dos camarotes de luxo “dava ares” com o corredor das suas celas. E frei Leopoldo, cometendo um pecado talvez, advertiu que a jovem que se reclinava languidamente todo final de tarde na borda do navio, com a cabeça envolta em um véu azul e o corpo moldado por tecidos leves, era “quase igual” à Madalena do quadro grande da capela.

Apesar da inocência mútua, os anos de frei Juan assinalavam o perigo dessas evocações obstinadas:

— Talvez não devamos nos ocupar tanto com o ontem, frei Leopoldo — disse ele.

Mas, aquele que durante toda a vida foi seu discípulo e agora seu companheiro de aventura, respondeu com filosofia:

— O amanhã há de vir, certamente, e o ontem, se não o acariciarmos um pouco antes de perdê-lo, nunca mais será para nós.

Isso os levou a uma constatação dolorosa: sentiam-se isolados naquele vaivém de ócios e talvez paixões mexidas até a letargia pelo mar. O trepidar das máquinas os enervava. A todos os lugares que olhavam vislumbravam um mundo de apetites desconhecidos por eles. Sabiam, é claro, que existe o mal, mas sabiam de uma forma abstrata, e aqueles homens e mulheres prisioneiros da nova Arca de Noé, filha da indústria, concretizavam essa noção. Sentiam-se solitários e cercados por algo demoníaco. Somente aqueles cujas feições puderam ser relacionadas com outras vistas e amadas, sem saber, no convento e no vilarejo, davam-lhes a sensação de companhia segura.

Mas quando se aproximavam deles, gaguejavam, e seus gestos eram desajeitados. Sem suspeitar de sua ternura, as pessoas falavam com eles por um minuto e se afastavam. O que diriam de interessante ao homem de turbante, ao oficial, ao maquinista de tatuagens azuis e o rosto manchado de óleo, e à mulher lânguida a quem a brisa transformava o véu de cor violeta em uma extensão dos seus cabelos?

Ninguém, ninguém no navio podia explicar por que os frades, tão sóbrios, costumavam parar diariamente na passagem dos camarotes de luxo, nem por que, quando todos assistiam ao pôr do sol, na popa, eles fixavam o olhar nos guindastes de descarga do mastro, transmutados por sua fantasia em uma das figueiras do pequeno pomar de onde viveram por tantos anos.

Depois daquela súbita ampliação de suas vidas, os horizontes voltaram a se estreitar. O primeiro porto jogou-lhes nas faces aquele sopro voluptuoso e pútrido que resume todos os cheiros do Oriente. De Amoy partiram para o interior, e logo se viram a sós com sua fé no meio do mundo asiático.

Cada jornada deixava para trás as pegadas de outros missionários antecessores: queriam ir mais longe, movidos por esse estímulo um tanto deturpado, infiltrado até mesmo nas ações mais puras. Não ignoravam que a existência seria preenchida por perigos; sabiam que, conforme se afastavam das autoridades capazes de socorrê-los, entregavam-se desarmados a um tortuoso rancor cuja fama de crueldade já conheciam. Mas como marchavam impulsionados

por um grande ideal, iam felizes, e o medo não refletia nenhuma imagem nos espelhos de suas consciências.

Estabeleceram sua primeira residência perto de um riacho e começaram a obra de evangelização. Tarefa árdua, porque abrir um túnel na rocha é mais fácil do que perfurar crenças multisseculares protegidas por crostas de ignorância e por essa espécie de nada enorme que é a diferença racial. Alimentavam-se pouco, bebiam água insalubre e realizavam caminhadas diárias fatigantes para serem recebidos ora hostilmente, ora com um sorriso enrugado e estreito de pálpebras e lábios. Apresentavam, na realidade, dificuldades de compreensão e elocução no idioma estudado por anos e anos no convento, os corações lhes mostravam caminhos, precipícios e obstáculos capazes de comprometer todo fervor e toda paciência. Não era a luta do filho do carpinteiro galileu contra Confúcio ou contra aquele que deixou de ser príncipe para sorrir, livre em sua quietude, de todas as paixões inférteis. Era algo muito menor e, contudo, intransponível. Sob a pele amarela, atrás dos olhinhos puxados, havia certamente outras entranhas, outra massa cinzenta, impermeáveis à essência cordial e às doutrinas do Ocidente.

Apenas uma família de semeadores – o pai, a mãe e uma filha adolescente – os recebiam com gentileza. Logo descobriram que antes eles viviam muito mais perto da costa onde conheceram outros europeus. Missionários ou comerciantes? – se perguntavam, observando que aquela simpatia não era formada pela menor predisposição a uma comunidade de fé, mas sim por algum hábito, memórias de outras relações talvez interessadas, que às vezes alumbram nos lábios e nas pupilas da menina um sorriso de feminilidade submissa incompreensível para os dois monges.

Tudo: seres, paisagens, clima, constituía um universo novo. Aqui eles não encontravam um rosto sequer para se referir aos do convento e do vilarejo, nem uma árvore para comparar com as figueiras e oliveiras de lá. E quando, ao regressar das incursões que realizavam separados para multiplicar sua ação, encontravam-se na cabana, abraçavam-se trêmulos, com um sentimento de segurança recobrada, e reavaliavam, sem conhecer, aquela frase de Spencer que diz que o homem vê sempre com prazer ao homem.

Pregavam a fé de Cristo com seu coração e com sua inteligência; entretanto, mais além, mais profundamente do pensar e do sentir, o imperativo somático lhes dizia: “Esses pedaços de marfim macios que caminham em dois pés, não são homens, e também estas árvores não são árvores, nem esta terra é terra, nem é água esta veia amarelada que corre entre os bambus que mais se assemelha a uma secreção.”

Nas crises de desencorajamento, muitas vezes não ousavam se falar e caíam num profundo silêncio, do qual, por fim, frei Juan conseguia sair:

— Não devemos desanimar. Se não avançamos mais, não foi por causa da nossa fé, mas sim da nossa falta de jeito.

— Sim, sim.

Levados pelas palavras admitiam avançar pouco, mas não avançavam nada. Com exceção da família que já conviveu com europeus, ninguém parava para ouvi-los. E mesmo esses, os escutavam de fato ou apenas os ouviam? Todas as faces corriam, quando eles começavam a falar de Deus, suas cortinas amarelas, como diante de um sol escaldante. Todos os dias a hostilidade e o perigo criavam uma barreira cada vez mais maciça ao seu redor. Mas, até mesmo o martírio, com o qual tantas vezes sonharam, seria menos duro do que essa desmoralização progressiva.

Decidiram tacitamente não falar do passado, mas os sonhos não dependem de sua vontade, e neles o ontem volta com detalhes e graças pungentes, investido de um feitiço no qual atua o ímã de todos os pecados. Sem a sua tenacidade o mesmo breviário seria uma janela, e as orações caminhos abertos até aquele doce ontem, pelo qual passaram cegos pensando neste hoje. E por serem, um para o outro, testemunhas vivas do mundo perdido, assim que se separam começam a se esperar com medo, e a fantasia satura de sobressaltos a menor tardança.

Dias iguais passam sobre a paisagem mineralizada sob um céu seco pelo qual não cruzam pássaros nem nuvens. A voz do instinto disse a frei Leopoldo que parar com frequência na única casa que os recebe com uma vaga luz de tolerância é perigoso, e por isso vai longe, contornando o riacho, tentando em vão se interessar pelo negócio da salvação da alma daqueles que encontrava, e rezando a gritos muitas vezes, para se defender do silêncio envolvente de todos.

Foi no retorno de uma dessas caminhadas que ele encontrou em sua cabana duas novidades: um gato selvagem tentando quebrar com as garras uma das caixas de mantimentos e frei Juan caído no chão, com a cabeça envolta por um pano úmido.

O segundo evento ofuscou por um momento o primeiro. Cuidou do frei Juan, puxando da memória lembranças, quase inúteis para seu constrangimento, com as quais sua longa preparação pretendia prevenir todas as possíveis contingências. Mas quase imediatamente, por instinto, enquanto o homem agonizava, um ávido interesse o levou a olhar para o gato de olhos fosfóricos que o fez lembrar, em sua ameaçadora solidão, do gato do convento, esquecido até agora.

Quanta cautela ao se aproximar dele, pretendendo atraí-lo com a oferta de um pedaço de carne! Quanto medo ao vê-lo ir embora, elástico e eriçado, assim que

o devorou! E quanta emoção ao vê-lo aparecer dois dias depois, quando da boca carminada de frei Juan saía apenas uma respiração escassa e febril! Foram duas lutas paralelas: a de reter a alma que deixaria o corpo, e a do corpo sem alma que, com sua espinha dorsal eletrizada e suas pupilas cheias de estrelinhas, saltava assim que ele ousava aproximar-se. Uma vitória e nada mais: quando o corpo de frei Juan sucumbiu, o gato rondava a cabana diariamente e já não fugia dele.

Enquanto durou o dinamismo da ação, frei Leopoldo não podia analisar suas próprias ansiedades. Teve uma única ajuda nos trabalhos de cavar a sepultura, transportar os restos mortais de seu mentor e juntar as duas madeiras que formaram uma cruz rudimentar: a da menina asiática. Seus pais a aconselharam a não se impor aquela tarefa inútil, mas não se opuseram a que ela ajudasse frei Leopoldo. A ideia para eles natural de jogar o cadáver em qualquer aterro e abandonar aos vermes, rebelou a tradição católica de frei Leopoldo, e as energias exauridas, mais do que a fadiga física pelo medo, ressuscitaram. Ao seu lado, a chinesinha se agitava, ativa, útil, sorrindo para ele com as duas gotas de óleo dos seus olhos e com a dupla fileira de dentes pequenos.

Quando frei Juan ficou para sempre invisível, seguiu-se uma calma assustadora em favor da qual o medo voltou a se transformar em pensamentos. “O que faria sem ele? A missão estava frustrada. O mais sensato seria fazer o trajeto de volta até a costa, apresentar-se às autoridades, e encontrar um novo companheiro com quem empreender a aventura outra vez.” Mas uma imobilidade imperativa colocava chumbo em seus pés e em suas decisões. Saía da cabana apenas para se aproximar do túmulo de frei Juan com o ouvido prodigiosamente desperto, como se quisesse captar o trabalho dos vermes.

E não era o amor, mas sim o terror que o levava ali. Quisera fugir daquela terra recém-removida. Seus vinte e quatro anos, a favor da proximidade da Morte e da plenitude do verão, reclamavam da solidão. Ele, que jamais tinha sofrido tentações, lutava agora nas noites de insônia contra uma tentação difusa. Nem o rosário nem o breviário eram suficientes: necessitava de um elemento vivo para emendar o fio rompido de sua energia... “Se ao menos fossem negros em vez de amarelos estes seres – sussurrava – creio que eu poderia chegar a considerá-los irmãos, a amá-los. Mas a esses não. Perdoa-me, Senhor, mas não me parecem obra Tua!... não podem ter sido feitos à Tua imagem e semelhança... Eu os temo... Junto a eles me sinto em um mundo vazio!” E as orações eram calcadas em palavras nascidas de sua exasperação. E com a infinita ansiedade de quem cultivava a única árvore capaz de lhe dar frutos, passava horas e horas olhando para o gato, sorrindo para ele, cruzando o magnetismo evasivo daqueles olhos com o seu olhar doce,

chamando-o com um suave estalar de dedos, e dando-lhe, sedutoramente, quase toda a comida que a chinesinha lhe preparava.

Tinham concordado que, ao final da colheita, o velho asiático acompanharia frei Juan até Amoy, mediante um pagamento a ser feito lá. Voltar sozinho era quase impossível, sem dúvidas, mas, não teria sido melhor enfrentar todos os perigos a permanecer naquele abandono onde já começava a se perder? A linha divisória entre as ilusões e as realidades se apagava com frequência. Os pesadelos atravessavam a fronteira do sonho transformando-se em alucinações e, chorando sobre si mesmo como os filhos de Jerusalém, sentia com frequência muita pena do frade que, tendo deixado o convento para conquistar a Glória, encontrou a desgraça e, talvez, o Inferno.

Na intenção de agradá-lo, a chinesinha lhe mostrava a profundidade de um isolamento que teria sido absoluto sem o caderno no qual ele escrevia de vez em quando para apreciar a ilusão do diálogo, e sem o gato que já levantava o rabo com suas carícias.

Ah, não, aqueles que têm um cachorro, aqueles que acariciam com orgulho a piedade latejante de um cavalo, nem mesmo aqueles que se importam com pássaros ou fazem de seus ombros pedestais para um papagaio de bico perverso e palavras estúpidas, não podem compreender o amor que frei Leopoldo nutriu por aquele gato! Não era apenas um gato: era um caminho, uma ponte, a única rota de fuga, o espelho em que a exasperação conseguia reconhecer sua imagem humana. Para frei Leopoldo, as pupilas consteladas de faíscas daquele pedacinho de carne viva eram o único vestígio de sua outra existência, sua única companhia. Os chineses falavam e o gato não; os chineses possuíam braços, pernas, peito, esqueleto semelhante ao seu... E, no entanto, ele reconhecia o gato como irmão e os outros ele sentia como estranhos, impenetráveis, heterogêneos de sua matéria e de sua alma.

Por isso ele pressentiu mais do que observou a enfermidade e se pôs a cuidar dele com ternura hipertrofiada. Não houve remédio que não tentasse, mimo ou cuidado em que não colocasse toda a alma e um tempo muito longo, saturado de esforço. Cuidando do gato cuidava de si mesmo. Enquanto o animal pulsava sob suas mãos, ele resistiria. Enquanto o gato não permanecesse inerte, teria uma testemunha, olhos capazes de servir de espelhos vivos a sua angústia e de impedi-lo de se esquecer do olhar de Deus. Enfermeiro algum jamais cuidou com igual abnegação e egoísmo. Minuto a minuto, todo o seu ser espiava as resistências da vida no ser minúsculo que se arrastava penosamente dentro da caixa colocada no centro da cabana.

Todo o êxtase celestial de sua existência agora se refletia em sua carne desamparada. Vocábulos, sensações táteis, até então estranhas ao seu ser, reivindicavam os direitos de uma juventude que pensou ter se desprendido completamente da argila para arder por inteiro na chama do espírito. Os pelos macios do gato cediam mornos sob suas carícias, e quando os miados eram muito fracos, ele se aproximava de seu rosto e dizia palavras tiradas da ladainha como de uma fonte secreta, doce e quente, insuspeita e tocada de loucura:

— Não se preocupe, eu vou cuidar de você, minha estrela... Pobrezinho, tão lindo! Meu conforto... Meu refúgio... Já que não pude salvar o frei Juan, te salvarei... E você também me salvará.

Para cuidar dele, raramente ia ao pequeno monte fúnebre, ao qual a natureza, impassível, já insinuava os primeiros brotos de vegetação. As sombras da desorientação paralisavam suas decisões e transtornavam suas palavras; mas, como frequentemente acontece, do colapso cerebral se destacava uma chama mais lúcida do que as habituais, e à sua luz frei Leopoldo via a necessidade de deixar tudo e correr todos os riscos até a costa. Mas logo compreendia a impossibilidade de acelerar o fim do pobre animal convertido pelo destino na chave de sua vida. E palmo a palmo, ele disputava sua presa com a Morte.

Talvez para reagir contra a influência letal, a vida abria-lhe todos os dias, valendo-se de ilusões sombrias, o jardim das tentações carregado de mandrágoras e de maçãs saturadas pelo terrível eflúvio de mulher. Por que, ele sempre insensível ao pior dos inimigos da alma, à Carne, começava a sentir no olfato, nos olhos e na pele coisas jamais sentidas, como se também fossem nascer brotos de vegetação no seu corpo?

E ele temia a chinesinha que vinha conceder-lhe uma simpatia promissora: talvez a mesma que em outro momento de solidão lhe tinham solicitado os outros europeus com os quais se relacionou.

Frei Leopoldo teria se defendido da carne amarela sem esforço, sem a necessidade de abrigar-se junto à cruz rudimentar colocada no túmulo de frei Juan nem junto à caixa onde o gato agonizava, já quase apagando o brilho dos seus olhos, entre miados lamentosos. Mas, indefeso, abandonado por Deus, seria ele capaz de lutar contra os maus milagres de Lúcifer? A mocinha asiática não era mais ela mesma somente. Por misteriosos jogos cerebrais o impossível se realizava, como nos sonhos: o gato era agora o gato do convento, e para apagar da menina o amarelado e as feições oblíquas, do fundo do passado surgia uma imagem nunca lembrada, nem sequer vista antes, somente idealizada, entre outras cem: a imagem da filha do sacristão. E a lembrança, com uma minúcia infernal, precisava a cor dos olhos, a graça meio pudica, meio hipócrita de suas pálpebras, a cabeleira cor de

cobre, os lábios carnudos, as covinhas nas bochechas e, no peito, aquele balanço duplo que alcançava agora, contra todas as preces de Frei Leopoldo, um poder atroz...

Como podem ter ficado na memória fotográfica de suas retinas aquelas imagens latentes para serem reveladas mais tarde pela acidez de Satanás? Até o tom de voz e a qualidade da respiração da garota de lá, uma vez que ela lhe entregou duas velas onduladas na véspera da festa de São Jerônimo, se transfundiam por um milagre do mal à menina chinesa. E era inútil pedir socorro à razão: a barreira entre a quimera e a realidade havia sido destruída.

Nem sequer as manhãs eram castas. Na vertiginosidade de meio-dia era inútil apertar-se contra a cruz da sepultura, ou inclinar-se sobre a caixa para contar os batimentos daquela fera destinada por poderes misteriosos a segurar com seu último suspiro os últimos suspiros de um homem. E, à tarde, quando ao pôr do sol as lembranças se inflamavam, dois filetes de lágrimas caíam de seus olhos, inundavam sua boca com amargura e eram absorvidas pelo hábito.

A mocinha escapava de suas tarefas para vir consolá-lo, e sorria no silêncio com seus dentes pequenos, com seus lábios sutis: na realidade com os dentes largos e a boca carnuda da filha do sacristão: na realidade com a boca de todas as jovens mulheres do mundo. E ele a contemplava aterrorizado, a mão direita no corpo do gato, que também, por negra magia, transformava-se em algo sedoso, voluptuoso, ardente. O ar ficava rarefeito, e ambos permaneciam imóveis, como se estivessem separados por um cristal infinitamente frágil, que pudesse quebrar ao menor movimento. E assim, muitas vezes, nesse duelo silencioso, a noite chegava e rasgava a sombra da cabana os dois pontinhos fosfóricos moribundos do gato e as duas luzinhas enigmáticas cravadas no rosto amarelo.

Essa luta durou vários dias. Um dia, enfim, ao retornar do túmulo do frei Juan, frei Leopoldo encontrou o gato inerte. E então ficou estupefato junto a ele, sozinho, na solidão absoluta.

Ficou assim por várias horas, tão imerso em si mesmo que se sentia mineralizado exatamente como a paisagem, assim como sua desgraça. Caía a tarde quando alguns passos o fizeram retomar a consciência e os sentidos. Da porta da cabana, a chinesinha estendeu-lhe os braços.

E foi então que frei Leopoldo apoiou uma de suas têmporas no único travesseiro onde era possível repousar e abriu, com o gatilho do revólver, com um disparo, a porta pela qual ele se encontraria frente a frente com Deus ou com o nada.

Nota da tradutora

Ter participado desse projeto de tradução de contos latino-americanos foi uma experiência extremamente prazerosa. As discussões em grupo, as sugestões e as trocas de ideias sobre os métodos e estratégias de tradução foram muito pertinentes durante o processo tradutório e na revisão dos textos, principalmente as trocas com as colegas Giordana Antônia Sfredo, Maria Eduarda da Cunha Kretzer e Rafaela Marques Rafael, e claro, com a professora Martha Pulido.

Foi um trabalho intenso de pesquisa, com consultas a diferentes dicionários, muitas vezes para entender o sentido de palavras simples, na tentativa de não se deixar enganar pelos falsos cognatos. Em outros momentos o desafio era entender o significado de expressões que eram totalmente estranhas para mim nessa língua “irmã” que é considerada “fácil” pela proximidade com o português. A tradução literária exige a sensibilidade da compreensão das metáforas e a capacidade de buscar equivalentes na língua de destino. Na minha concepção de tradução, optei por palavras e expressões que são de uso comum e que são (re)correntes em português, pois, observei que apesar das semelhanças lexicais, sintáticas e morfológicas, muitas vezes, a tradução mais literal (aquela em que o tradutor intervém no texto o mínimo possível) não é necessariamente a que proporciona o melhor entendimento. Algumas mudanças de gênero em determinados adjetivos foram necessárias (*mi lucero* para *minha estrela*, por exemplo), além de termos e expressões religiosas que deram um certo trabalho (contei com o auxílio de amigos estudiosos de Teologia para conferir se minha tradução fazia sentido). Enfim, estou feliz de ter encarado esse desafio e muito satisfeita com o resultado. Espero que os leitores apreciem *O gato*.

O pai

*El padre*¹⁷

Olegario Lazo Baeza (1878-1964) – Chile

Olegário Lazo Baeza, nascido na cidade de San Fernando, era militar e escritor, narrou fatos e costumes simples na vida dos quartéis militares chilenos. Seu primeiro livro, *Contos militares*, publicado em 1922, conta com dezoito relatos; seguido de *Novos contos militares*, com quatorze contos – no qual aparece o clássico conto “El padre” – lançado em 1924; e mais quinze em *Outros contos militares*, de 1944. Outras obras do autor: *Honor de soldado*, *Castigo de antaño*, *Como los hombres*, *Un viaje*, *To bar*. Em 1960 é eleito membro honorário da Academia Chilena de La Lengua.

Tradução de **João Carlos Pereira Hoeller**¹⁸

Um velhinho de barba comprida e branca, bigodes avermelhados pela nicotina, manta vermelha, sapato de salto, chapéu de palha e uma cesta no braço, ia e voltava timidamente até a porta do quartel. Quis interrogar a sentinela, mas o soldado lhe cortou a palavra na boca, com o grito:

— Cabo de guarda!

Um suboficial apareceu na porta, como se estivera à espreita, interrogando-o com seus olhos e movendo a cabeça para cima, ao desconhecido perguntou:

— Meu filho está?

O cabo sorriu. A sentinela permaneceu firme, fria como uma estátua de sal.

O regimento tem trezentos filhos; falta saber o nome do seu, disse o oficial.

— Manuel... Manuel Zapata, senhor.

O cabo enrugou a testa e repetiu, revendo sua memória:

¹⁷ Conto original em espanhol disponível em: <https://www.letrasdechile.cl/home/images/el-padre-o-lazo.pdf>. Acesso em: 11 set. 2018.

¹⁸ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Bolsista CAPES. Bacharel em Direito (1987) pela Universidade da Região de Blumenau (FURB) e Bacharel em Filosofia (2017) pela UFSC.

— Manuel Zapata...? Manuel Zapata...?

E com tom seguro:

— Não conheço nenhum soldado com tal nome.

O cidadão ergueu-se orgulhoso sobre as grossas solas de seus sapatos, e sorrindo ironicamente:

— Mas não é soldado! Meu filho é oficial, oficial de carreira...

O corneteiro, que do corpo da guarda ouvia a conversa, se aproximou, cutucou o cabo, dizendo-lhe em voz baixa: — É o novo, o recém-saído da Escola.

— Diabos! Aquele que tanto nos xinga...

O cabo o observou com um olhar indagador e, como o viu desventurado, não se atreveu a convidar ao cassino dos oficiais, o fez entrar no corpo da guarda.

O velhinho sentou num banco de madeira e deixou sua cesta ao lado, ao alcance de sua mão. Os soldados se aproximaram, dirigindo olhares curiosos ao camponês e interessados na cesta. Uma cesta pequena, coberta com um pedaço de chita. Por baixo da tampa de lona algo começou a bicar, e depois a mostrar a cabeça, era uma galinha de crista vermelha e de bico preto aberto por causa do calor.

Ao vê-la, os soldados bateram palmas e gritaram como crianças:

— Caçarola! Caçarola!

O camponês, nervoso pela ideia de ver seu filho, agitado com a visão de tantas armas, ria sem motivo absorto em seus pensamentos. — Ha, ha, ha!... Sim! Caçarola..., mas para meu filho.

E com seu rosto pálido tomado por um golpe de arrependimento, acrescentou:

— Cinco anos sem vê-lo!

Mais alegre coçando atrás da orelha:

— Não queria vir para este povoado. Meu patrão o obrigou ao serviço militar. Ha, ha, ha...!

Um dos guardas, firme e forte pela bandoleira, o cinturão e o sabre, foi chamar o tenente.

Estava no picadeiro, na frente das tropas que descansavam, entre um grupo de oficiais. Era baixo, moreno, troncudo, de aspecto vulgar. O soldado bateu continência, levantando terra ao juntar os saltos das botas, e disse:

— Procuram pelo senhor..., meu tenente.

Não sei por que fenômeno do pensamento, a encurvada figura de seu pai veio a sua mente.

Levantou a cabeça e falou alto, num tom de desprezo, de modo que seus colegas ouvissem:

— Neste povoado, não conheço ninguém...

O soldado deu detalhes não requeridos:

— É um homenzinho enrugado, com um cobertor... Vem de longe. Traz uma cestinha...

Vermelho, tomado pelo orgulho, levou as mãos ao quepe:

— Está bem... Retire-se!

A malícia brilhou no rosto dos oficiais. Olharam Zapata... E como este não pôde suportar o peso de tantos olhares interrogadores, baixou a cabeça, tossiu, acendeu um cigarro, e começou a riscar o chão com a ponta de seu sabre.

Após cinco minutos veio outro guarda. Um soldado muito simples, muito recruta, que parecia caricatura da posição de continência.

A quatro passos de distância gritou, batendo os braços como um galo:

— Procuram pelo senhor, meu tenente! Um homenzinho do campo.... disse que é o pai de vossa mercê...

Sem repreender a falta de postura do subalterno, jogou o cigarro, pisou com fúria, e pegou outro:

— Vá embora! Já vou!

E para não dar explicações, foi ao estábulo.

O oficial de guarda, incomodado com a insistência do velho, pedindo que o sargento o anunciasse a cada cinco minutos, foi ver Zapata.

No entanto, o pai, a quem os anos tornaram o coração de homem no de menino, cada vez mais nervoso, ficou com os ouvidos atentos.

Ao menor ruído, olhava para fora e esticava o pescoço, enrugado e vermelho tal qual pescoço de peru. Qualquer passo fazia-o tremer de tanta emoção, acreditando que seu menino vinha abraçá-lo, contar-lhe sua nova vida, mostrar-lhe suas armas, seus arreios, seus cavalos...

O oficial de guarda encontrou Zapata simulando inspecionar as baias na cavalaria. Disse-lhe, secamente, sem rodeios:

— Estão te procurando... Dizem que é teu pai.

Zapata, desviando o olhar, não respondeu.

— Está no corpo da guarda... Não quer sair.

Zapata bateu no chão, mordeu os lábios com fúria e foi até lá. Ao entrar, um soldado gritou:

— Atencãããooo!

A tropa se levantou bruscamente com energia. E a sala se encheu com o ruído dos sabres, movimento de pés e batidas de salto. O velhinho, deslumbrado com as honrarias dadas ao seu filho, sem se lembrar da cesta e da galinha, com os braços abertos, saiu ao seu encontro. Sorria com seu rosto de pele rachada como crosta de árvore velha.

Tremendo de prazer, gritou:

— Mañungo! Mañunguito...!

O oficial o cumprimentou friamente. Os braços do camponês caíram.

A face estremeceu.

O tenente o retirou do quartel dissimuladamente. Na rua falou ao seu ouvido:

— Que afronta a sua...! Vir me ver...! Tenho serviço... Não posso sair.

E entrou bruscamente. O camponês voltou à guarda, desconcertado, trêmulo. Num esforço, tirou a galinha da cesta e deu ao sargento.

— Tome: para vocês, apenas para vocês.

Disse adeus e saiu arrastando os pés, pesados pelo desengano.

Mas, na porta ainda voltou para dizer, com lágrimas nos olhos.

— O menino gosta do peito. Deem um pedacinho a ele!

Nota do tradutor

A tradução do conto *El Padre* foi feita a partir do original em língua espanhola escrito por Olegario Lazo Baeza. Na tradução foram mantidas palavras como o apelido do tenente Manuel Zapata: *Mañungo! Mañunguito...!*; já que se trata de nome próprio; e após comparar o conto original com as primeiras traduções para o português, tratei de contextualizar a lógica dialética à vida da caserna brasileira. Para isso visitei o setor de relações públicas do Comando da 14ª Brigada de Infantaria Motorizada de Florianópolis, onde busquei esclarecer dúvidas sobre o léxico específico, tais como no original: *paisano, cazuela, conscripto, recluta, subalterno, pesebreras* e *caballerizas*. Por meio da pesquisa compreendi que o trabalho de tradução é, em síntese, dar ao leitor a possibilidade de refletir com clareza e autenticidade na língua de chegada.

O véu da rainha Mab

*El velo de la reina Mab*¹⁹

Rubén Darío (1867-1916) – Nicarágua

Rubén Darío escreveu tanto em poesia quanto em prosa, suas obras mais importantes são: *Azul*; *Prosas profanas*; *Cantos de vida y esperanza*; *Los raros*; *Canto a la Argentina y otros poemas*. Poeta, jornalista e diplomata, Darío é reconhecido como precursor do Modernismo hispano-americano. Os poetas franceses foram sua principal influência, embora os romancistas espanhóis também tenham tido papel significativo na construção de seu estilo. Assim, é possível dizer que o modernismo de Darío une características do romantismo francês e espanhol e do parnasianismo e simbolismo franceses.

Tradução de **Malu Carrano Rocha**²⁰

A rainha Mab, em sua carruagem feita de uma só pérola, conduzida por quatro coleópteros de carapaças douradas e asas de pedraria, caminhando sobre um raio de sol, infiltrou-se pela janela de um sótão onde estavam quatro homens magros, barbudos e impertinentes, lamentando-se como uns desditosos.

Naquele tempo, as fadas tinham repartido seus dons entre os mortais. A alguns tinham dado as varinhas misteriosas que enchem de ouro as pesadas caixas do comércio; a outros algumas espigas maravilhosas que quando debulhadas colmavam as tulhas de riqueza; a outros alguns cristais que faziam ver nas entranhas da mãe terra, ouro e pedras preciosas; a alguém cabeleiras espessas e músculos de Golias, e marretas enormes para amassar o ferro incendiado; e a alguém calcanhares fortes e pernas ágeis para montar nos rápidos corcéis que bebem o vento e que têm as crinas na corrida.

¹⁹ Conto original em espanhol disponível em: <http://ciudadseva.com/texto/el-velo-de-la-reina-mab/>. Acesso em: 11 set. 2018.

²⁰ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Bolsista CAPES.

Os quatro homens se queixavam. Para um deles a sorte foi uma pedreira, para outro o íris, para outro o ritmo, para outro o céu azul.

A rainha Mab ouviu suas palavras. Dizia o primeiro:

— Pois bem! Eis-me aqui na grande luta de meus sonhos de mármore! Extraí o bloco e tenho o cinzel. Todos tendes, alguns o ouro, outros a harmonia, outros a luz; eu penso na branca e divina Vênus que mostra sua nudez sob o plafom cor de céu. Quero dar à massa a linha e a formosura plástica; e que circule pelas veias da estátua um sangue incolor como o dos deuses. Eu tenho o espírito da Grécia no cérebro, e amo os nus em que a ninfa foge e o fauno estende os braços. Ó Fídias! Tu és para mim soberbo e augusto como um semideus, no recinto da eterna beleza, rei diante de um exército de formosuras que a teus olhos lançam o magnífico quíton, mostrando o esplendor da forma, em seus corpos de rosa e neve. Tu golpeias, feres e domas o mármore, e soa o golpe harmônico como um verso, e te adula a cigarra, amante do sol, oculta entre os pâmpanos da vinha virgem. Para ti são os Apolos loiros e luminosos, as Minervas severas e soberanas. Tu, como um mago, convertes a rocha em simulacro e o colmilho do elefante em taça de festim. E ao ver tua grandeza sinto o martírio de minha pequenez. Porque passaram os tempos gloriosos. Porque tremo diante dos olhares de hoje. Porque contemplo o ideal imenso e as forças exaustas. Porque à medida que cinzelo o bloco me aflige o desalento.

E dizia o outro:

— Hoje quebrarei meus pincéis. Para que quero o íris, e esta grande paleta do campo florido, se por fim meu quadro não será admitido no salão? O que abordarei? Percorri todas as escolas, todas as inspirações artísticas. Pinteí o torso de Diana e o rosto da Madona. Pedi às campanhas suas cores, seus matizes; adulei a luz como uma amada, e a abracei como uma querida. Fui adorador do nu, com suas magnificências, com os tons de suas carnações e com suas fugazes meias-tintas. Tracei em minhas telas os nimbos dos santos e as asas dos querubins. Ah, porém sempre o terrível desencanto! O porvir! Vender uma Cleópatra a duas pesetas para poder almoçar!

E eu, que poderia no estremecimento de minha inspiração, traçar o grande quadro que tenho aqui dentro...!

E dizia o outro:

— Perdida minha alma na grande ilusão de minhas sinfonias, temo todas as decepções. Eu escuto todas as harmonias, desde a lira de Terpandro até as fantasias orquestrais de Wagner. Meus ideais brilham no meio das audácias de minha inspiração. Eu tenho a percepção do filósofo que ouviu a música dos astros. Todos os ruídos podem aprisionar-se, todos os ecos são suscetíveis de combinações. Tudo cabe na linha de minhas escalas cromáticas.

A luz vibrante é hino, e a melodia da selva acha um eco no meu coração. Desde o ruído da tempestade até o canto do pássaro, tudo se confunde e enlaça na infinita cadência. Entretanto, não vislumbro nada além da multidão que debocha e da cela do manicômio.

E o último:

— Todos bebemos da água clara da fonte de Jônia. Porém, o ideal flutua no azul; e para que os espíritos gozem de sua luz suprema, é preciso que ascendam. Eu tenho o verso que é de mel e o que é de ouro, e o que é de ferro incandescente. Eu sou a ânfora do celeste perfume: tenho o amor. Pomba, estrela, ninho, lírio, vós conheceis minha morada. Para os voos incomensuráveis tenho asas de águia que partem a golpes mágicos o furacão. E para achar consoantes, busco-as em duas bocas que se juntam; e estala o beijo, e escrevo a estrofe, e então se vedes minha alma, conhecereis minha Musa. Amo as epopeias, porque delas brota o sopro heroico que agita as bandeiras que ondeiam sobre as lanças e os penachos que tremem sobre os cascos; os cantos líricos, porque falam das deusas e dos amores; e as églogas, porque cheiram à verbena e a tomilho, e ao sadio alento do boi coroadado de rosas. Eu escreveria algo imortal, mas me abruma um porvir de miséria e de fome...

Então a rainha Mab, do fundo de sua carruagem feita de uma só perola, tomou um véu azul, quase impalpável, como formado de suspiros, ou de olhares de anjos loiros e pensativos. E aquele véu era o véu dos sonhos, dos doces sonhos que fazem ver a vida de cor de rosa. E com ele envolveu os quatro homens magros, barbudos e impertinentes. Os quais cessaram de estar tristes, porque penetrou em seu peito a esperança, e em sua cabeça o sol alegre, com o diabrete da vaidade, que consola em suas profundas decepções os pobres artistas.

E desde então, nos sótãos dos brilhantes infelizes, onde flutua o sonho azul, pensa-se no porvir como na aurora, e ouvem-se risadas que param a tristeza, e dançam-se espontâneas farândolas ao redor de um branco Apolo, de uma linda paisagem, de um violino velho, de um amarelado manuscrito.

Nota da tradutora

O maior desafio na tradução do conto foi com relação às diversas referências que Rubén Darío traz (de personagens históricos, mitológicos, bíblicos e também de grandes artistas). Apesar disso, já ter traduzido Leopardi (autor italiano do século XIX que escreve prosa poética) me auxiliou consideravelmente na tradução de *El velo de la reina Mab*, pois creio que esse contato prévio fez com que a sintaxe marcada pelas inversões e o léxico rebuscado de Darío não me soassem tão estranhos.

Os viajantes

*Los viajeros*²¹

Ricardo Jaimes Freyre (1868-1933) – Bolívia

Ricardo Jaimes Freyre nasceu no ano de 1868 no Peru, terra de sua mãe. No entanto, possuía também nacionalidade boliviana, herança de seu pai. Por mais de vinte anos viveu na Argentina, e, em 1916, adquiriu também a nacionalidade argentina. Faleceu neste país no ano de 1933. Na Bolívia, o escritor e diplomata foi o maior representante do Modernismo. Sua amizade com o escritor Rubén Darío, quem conheceu em Buenos Aires, o rendeu bons frutos; ambos fundaram a *Revista de América* em 1894 e colaboraram com o trabalho jornalístico do jornal *La Nación* na Argentina. Com seu livro *Castalia Bárbara* (1899), Jaimes Freyre surpreendeu a crítica; a obra mostra sua estima por mitos e lendas nórdicas, sendo retratado o conflito entre o mundo pagão e os valores cristãos. Ainda que não tão aclamados quanto sua poesia, o autor publicou também peças de teatro, ensaios sobre teoria literária e crônicas investigativas.

Tradução de **Maria Eduarda da Cunha Kretzer**²²

“Ao riso disse: está louco; e ao prazer: para que serve isto?” (Eclesiastes).

I

Anthropos, trovador e cavaleiro, construiu uma ermida na encosta de uma colina. Abandonou seu castelo (nas portas deste havia correntes de ferro, uma honra real), e levou à ermida a indiferença de seu coração.

Porque em seu espírito havia crepúsculo, tal como quando a primavera ria nas folhas roxas das rosas e na neve dos jasmims e na alvura úmida dos lírios, como quando o estio fazia cantar as cigarras entre as folhas, e o outono fazia cintilar as uvas nos vinhedos e o inverno guiava sobre a terra suas tristezas frias e brancas.

²¹ Conto original em espanhol disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/16/TH_16_003_096_0.pdf. Acesso em: 11 set. 2018.

²² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Bolsista CAPES. Graduada em Letras Espanhol pela UFSC.

Mas a solidão não falou em seu ouvido essas suaves e consoladoras palavras que escutaram todos os solitários: oculta sob as asas do tempo vive a esperança.

E escreveu em um muro: “No lugar em que cair a árvore, ali ficará”.

Desde a janela da ermida, dentre a folhagem, seu olhar se direcionava ao sinuoso caminho ao pé da colina. O sol feria os rostos dos viajantes ou a chuva caía sobre suas cabeças, ou a neve branqueava seus ombros, ou a neblina os envolvia com mantos fantásticos. Anthropos os observava esporear seus cavalos e pensava: vão ao amor, vão à ambição, vão ao medo.

II

Certa noite chegou um viajante que lhe pediu hospitalidade. Era uma noite tempestuosa e serena. As trevas se aglomeravam nas copas das árvores e se dispersavam perante os relâmpagos ou fugiam ao soar dos trovões nas fendas das rochas. O viajante tinha um aspecto nobre e severo; em seus olhos havia tristezas profundas.

Anthropos lhe cedeu sua cama e esperou a aurora, observando pela janela aberta a descida das serpentes luminosas. Mas eis que raiou a alva e viu que seu hóspede estava morto; e em seus olhos abertos não havia tristeza, mas uma infinita paz.

E murmurou: talvez na morte...

Sobre o coração do viajante achou um pequeno pergaminho que dizia: “Senhor, meu rei; vosso inimigo pronunciou: seja quem for que me entregue o corpo de meu inimigo, será grande diante de mim”.

Anthropos soube então que o viajante era um rei derrotado.

E pôs o corpo do morto sobre seus ombros e subiu o cume da colina, abriu uma cova e ali o enterrou.

E voltou à sua ermida, e através da janela aberta seu olhar seguiu até o voo das aves venturosas após a tempestade.

III

Foi em outra noite tenebrosa e triste que um viajante bateu na porta da ermida.

Seus olhos eram sombrios e seu aspecto sórdido.

Anthropos lhe cedeu sua cama e esperou a aurora, observando pela janela aberta os negros fios de chuva que dobravam as folhas das árvores. Quando raiou a alva, o viajante disse: “Eis aqui, que eu sei, um tesouro enterrado sob tuas plantas”.

E Anthropos sequer olhou suas plantas, deixou ir o viajante e o esqueceu.

IV

E foi em outra noite obscura e silenciosa que escutou chamarem em sua porta. Abriu a porta e entrou uma mulher. Jamais nos olhos de Anthropos resplandeceu a beleza de tão deslumbrante maneira. Diria que nos lábios dessa mulher dormiam carícias infinitas, e em seus olhos, atormentadoras e enigmáticas voluptuosidades. Anthropos olhou então profundamente dentro de seu próprio ser, e seu ser estava frio como um morto.

E esperou a aurora, observando pela janela aberta a espantosa luta das trevas no céu. E quando chegou a aurora, viu que a mulher sumira e a cama estava vazia. Então se deitou na cama e não sentiu o suave calor que tinha deixado nela o corpo da mulher. E ao passo que seu espírito seguia os caminhos misteriosos que conduzem a mundos desconhecidos, seus lábios balbuciavam: “talvez na morte...”.

V

Certa manhã dormia Anthropos debaixo de uma árvore e desceu do céu uma ave que lhe devorou os olhos. A noite debruçou-se sobre ele; mas a noite não era mais amarga que o dia. Desde então chegaram com mais intensidade a seus ouvidos os gemidos intermináveis do vento no espaço sem limites.

VI

Passaram muitos anos. Muitas vezes as folhas das árvores foram arrastadas pelos ventos do outono e muitas vezes a primavera fez renascer as folhas das árvores; mas no coração de Anthropos não renasciam nem a alegria nem a dor, nem o temor nem a esperança.

E foi em uma noite maravilhosa que apareceu na ermida o último viajante.

Era uma noite maravilhosa de estio. Entre os galhos das árvores, a luz da lua era como um longo olhar claro e consolador. Ria o riacho ao pé da colina e eriçava seu dorso de escamas prateadas. Havia no ambiente alegrias nupciais e pela terra e pelo céu passava um sopro do Infinito Bem.

O viajante tinha um rosto suave e pálido e profundamente doloroso. Um raio de lua, deslizando entre a folhagem, caía sobre sua cabeça e se enredava em

seus cabelos negros. Em seus enigmáticos olhos, sua mirada parecia vir de incalculáveis distâncias. Seus lábios murmuraram:

— Te trago a paz.

Então sentiu Anthropos que a indiferença de seu coração se desfazia como neve sob o sol. E penetrou o espanto em sua alma e suor de angústia cobriu sua testa e chocaram-se seus dentes, e separou-se a carne de seus ossos e embranqueceram seus cabelos.

E Anthropos morreu de terror.

Nota da tradutora

Início comentando que não tive problemas ao traduzir *Los Viajeros*. Talvez por possuir experiência na tradução de textos antigos e um tanto mais complexos, a linguagem utilizada por Jaimes Freyre não apresentou grandes desafios. Este conto desenrola-se de maneira encantadora e sorumbática. Comovente, inclusive. Então assim também deveria ser sua tradução. E foi pensando nisso que procurei manter, na medida do possível, as estruturas usadas pelo autor, sejam elas sintáticas, semânticas, sejam referentes à pontuação. Poderiam ser facilmente trocadas as palavras “estio” por “verão” ou “alva” por “dia”, porém Freyre se serve de uma particular poesia em seu texto que seria impossível mudá-las sem me abster de tamanha beleza. No entanto, me vi na necessidade de algumas pequenas modificações, as quais julguei serem necessárias para conservar a compreensão correta do que estava sendo dito – como no caso do trecho em espanhol “escamas argentinas”, que traduzi por “escamas prateadas”. Além disso, há também o trecho em espanhol “hojas rojas de las rosas”, que traduzi por “folhas roxas das rosas”. Possuo total conhecimento de que “rojo” se refere a “vermelho”, porém esta opção de tradução se deu com a intenção de chegar o mais perto possível da rima e melodia existentes no original.

Epílogo

Por **Rosario Lázaro Igoa**

Nesta linhagem de grandes contos hispano-americanos, a presença do meu conto no epílogo é uma grande injustiça literária. Longe de estar à altura daqueles que o precedem, deve ser dito que é fruto do acaso: um acaso ligado ao trabalho em conjunto que a Pós-Graduação em Estudos da Tradução propiciou nestes anos. A oportunidade de intercâmbio nesse centro de estudos contribuiu para que visualizássemos a pertinência de transformar-nos em agentes dedicados à tradução como tarefa crítica e nos motivou a traduzir como prática de relação ativa com a tradição literária. O conto *El pez*, que já tem mais de dez anos e nunca havia sido publicado, veio parar aqui a pedido de Martha Pulido nessa contínua prática de tradução.

Um dia de 2018, tomando um “tinto” feito com café brasileiro à moda colombiana, Martha solicitou algum texto inédito para ser trabalhado em uma das muitas disciplinas de prática de tradução que ministrou como professora visitante na UFSC. Enviei esse texto sem saber que posteriormente faria parte do mesmo volume que contos de Carlos Reyles, José Eustasio Rivera, Rubén Darío, Ricardo Palma...

Pela presença desses nomes imprescindíveis do domínio hispano-americano, não há mais do que celebrar a antologia e a tradução dos contos para o português do Brasil. Fica a esperança de mais antologias, históricas, temáticas, contemporâneas: só variados critérios de releitura serão capazes de nos dar a conhecer as tradições de um lado e outro das fronteiras entre o castelhano e o português.

O peixe

El pez

Rosario Lázaro Igoa – Uruguai

Tradutora literária e jornalista. Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Publicou os livros de prosa *Mayito* (2006) e *Peces mudos* (Criatura Editora, 2016), além de contos em várias antologias. Colaboradora do jornal uruguaio *La Diaria* e da revista *Lento*. Do português para o espanhol, traduziu romances dos brasileiros Raimundo Carrero, Beatriz Bracher e Rodrigo Lacerda; e contos e crônicas de Luis Fernando Verissimo e Dalton Trevisan, entre outros. Co-organizou e traduziu uma antologia de Mário de Andrade intitulada *Crônicas de melancolia eufórica* (Alter, 2016). Atualmente Rosario Lázaro Igoa é professora do Centro Universitario Regional del Este (CURE) – Universidad de la República del Uruguay (UdelaR) e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC), Brasil. E-mail: rosilazaro@gmail.com

Tradução de **Rosanne de Castelo Branco**²³

UM

Quando o trouxeram, estava só. Um único peixe prateado do tamanho de um polegar. Tão pequeno, dentro de uma bolsa de nylon, daquelas que utilizam as pessoas que trabalham em quiosques para guardar guloseimas. *Um peixe nada vivaz*, seria o resumo de minha primeira impressão. Um presente chato para um aniversário. Porém, meu irmão é assim: às vezes pensa que poderão ser úteis a mim as coisas inúteis. Seja como for, fiquei feliz pelo presente de um peixinho que pouco e nada se movia dentro da bolsa transparente. O que me preocupava era pensar em como iria cuidá-lo. Nem por isso deixei de agradecer ao meu irmão, e prometi a mim mesma ser carinhosa com a criatura.

²³ Doutoranda no Programa de Doutorado Interinstitucional (DINTER) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC) e Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestra em Estudos Literários (UFPA). Professora adjunta da Licenciatura em Letras-Alemão (UFPA). Bolsista CNPq.

Contrariada, agarrei a bolsa de nylon com uma mão, desatei o laço rosado que tinham colocado na loja, quando o pediu para presente, e deixei entrar ar para meu peixe. Em seguida, tive a impressão de que se alegrava, imaginei, ainda que se mantivesse quieto e assustado.

Eu não tinha nenhum aquário em casa, algo para o que meu irmão não tinha atentado. Então busquei ao redor, na cozinha, onde estávamos parados, algum recipiente de vidro para ser transformado em lar. Senti remorso pela demora, o peixe seguia imóvel, não mexia os olhos e nem sequer balançava a cauda. Quietos na bolsa de nylon, segurei-o até encontrar uma caneca de cerveja, suficientemente grande para ser aquário.

Assim que virei a bolsa em direção à caneca, e quando menos esperei, entendi tudo: o peixe tomou impulso com as barbatanas pequeninas, que protegem as brânquias, e saltou fora da bolsa, sem que me desse tempo para pegá-lo. Que menino desobediente – pensei, enquanto tratava de pegá-lo no chão. Sua pele lisa escapava de meus dedos; batia a cauda de um lado para o outro, e, desesperado, abria e fechava as brânquias, sem conseguir respirar.

Quando finalmente o consegui pegar e mergulhar na caneca, voltou a ficar quieto, olhando-me, não sei se feliz por voltar à água ou me odiando por frustrar sua fuga.

DOIS

Quando estou em frente ao espelho do banheiro, posso escutar o Prateado, meu peixe, removendo as pedras do fundo de seu novo aquário. É que a caneca de cerveja ficou muito pequena para ele, talvez porque eu o tenha alimentado demais... A questão é que já mede mais de dois polegares juntos e precisava urgente de um aquário novo, que encontrei por um bom preço em uma loja de peixes ornamentais do bairro. Além disso, trouxe-lhe um amigo, ou uma amiga, quem sabe. Muitos acontecimentos para um só dia.

Saio do banheiro e os observo comendo. Prateado não se adapta bem ao seu novo companheiro de lar. O peixe laranja, Dourado, foi o nome que dei, não o deixa comer: vigia a superfície quando me aproximo para alimentá-los, escolhe os maiores pedaços da comida, impedindo que Prateado pegue sua parte. E Prateado, que sempre foi bastante dócil, para não dizer privo de coragem, mantém-se embaixo e move as pedras no fundo em busca dos restos que caem. Tenho muita vontade de ajudá-lo, mas entendo que ele tem que se virar sozinho.

No entanto, não posso deixar de notar como, no fundo do aquário redondo, escondido atrás de um caracol, cola seus olhos junto ao vidro – que os amplia como uma lupa –, e parece pedir ajuda assustado.

TRÊS

Por serem dois peixes, a água começou a ficar turva mais rápido do que antes. Quando Prateado vivia só, eu a trocava uma vez a cada duas semanas. Ao virarem dois, a frequência da limpeza se fez semanal. No início do mês de dezembro, antes do Natal, decidi lhes dar um oxigenador, especialmente a Prateado, dado seu bom comportamento e o quanto tinha sofrido.

No dia em que cheguei em casa com o oxigenador, Prateado e Dourado me cumprimentaram ao abrir a porta. Por iniciativa do laranja, acho, tinham se acostumado a pular na água quando ouviam meus passos. Prateado tinha mudado muito com a convivência. Movia-se um pouco mais, não muito, mas já não parecia estar morto de repente, como cheguei a pensar várias vezes. Dourado o encorajava.

Coloquei o oxigenador no aquário e o fixei entre as pedras. Notei que ambos os peixes estavam muito surpresos. Dourado se aproximou da minha mão e Prateado preferiu ver a novidade de longe. O mais interessante ocorreu depois, quando liguei o aparelho e centenas de bolhas começaram a sair do fundo do aquário. De imediato, Dourado se assustou, mas quando percebeu que nada acontecia, decidiu continuar procurando comida.

Prateado me surpreendeu. Com sua calma habitual, nadou até o oxigenador e deixou o jato de bolhas atingir sua barriga, massageando sua pele cheia de escamas cinzentas e brilhantes. Então ele dançou em círculos, no meio do ar ascendente, como um animal fantástico. Ao subir, cercou-se da corrente que as bolhas formavam, movendo a cauda em um tempo exatamente oposto ao das barbatanas, e deixou que a luz que entrava pela janela o iluminasse em suas muitas escamas. Houve luzes, brilhos. Assim aconteceu por um instante que pareceu um século – o século do peixe espetacular –, até que cansou e voltou a se esconder atrás do grande caracol lá no fundo.

Nota da tradutora

Durante o processo tradutório, me vi diante de algumas dificuldades na compreensão de algumas passagens do conto. Primeiramente, eu o li e reli várias vezes para entender o contexto geral. Depois parti para o específico: a tradução do texto, observando o contexto. De início senti dificuldades quanto ao tempo verbal adotado pela autora, uma vez que, por se tratar de uma narrativa de algo que havia acontecido no passado, dava-me a impressão de que ela queria representá-lo no presente. Também observei algumas palavras que apresentam o léxico em espanhol muito próximo ao léxico em português, mas que, semanticamente, o contexto da língua espanhola não condiz com o contexto semântico na língua

portuguesa. Constatei também a localização dos pronomes oblíquos, estes muitas vezes estão agregados aos verbos, por muitas vezes causando uma interpretação errônea, visto que, na língua portuguesa, faz-se uso desses pronomes através de hífen ou eles são distintos, mas correlatos aos respectivos verbos. A manutenção do ritmo da frase, mantendo uma coesão no contexto para a língua portuguesa, exigiu a reorganização frasal, sem alterar o sentido do contexto.

El pez

Rosario Lázaro Igoa – Uruguay

UNO

Cuando lo trajeron estaba solo. Un único pez plateado del tamaño de un pulgar. Diminuto, adentro de una bolsa de nylon, de las que usan los quiosqueros para guardar golosinas. *Un pez poco vivaz*, sería el resumen de mi primera impresión. Un regalo aburrido para un cumpleaños. Pero mi hermano es así: a veces piensa que podrán serme útiles las cosas inútiles. Igual me alegré por el regalo de un pececito que se movía poco y nada dentro de la bolsa transparente. Lo que me preocupaba era cómo iría a cuidarlo, pero no por eso dejé de agradecerle a mi hermano, y prometerme a mí misma tenerle cariño a la criatura.

Contrariada, agarré la bolsa de nylon con una mano, desaté la moña rosada que le habrían puesto en el acuario cuando lo pidió para regalo, y dejé entrar aire para mi pez. Enseguida tuve la impresión de que se alegraba, aunque se mantuviera quieto, asustado, imaginé.

Yo no tenía ninguna pecera en casa, algo que mi hermano no había tenido en cuenta. Entonces, busqué alrededor, en la cocina donde estábamos parados, algún frasco de vidrio para ser transformado en hogar. Sentí remordimiento por la demora, el pez seguía inmóvil, ni siquiera movía los ojos, ni agitaba la cola. Quieto en la bolsa de nylon, lo sostuve hasta que encontré una jarra de cerveza lo suficientemente grande como para ser pecera.

Así que incliné la bolsa hacia la jarra, y cuando menos pensé lo vi todo: el pez tomó impulso con las aletas diminutas que protegen las branquias y saltó fuera de la bolsa, sin que me diera tiempo a atraparlo. *Desde chiquito retobado* –pensé mientras trataba de atraparlo en el piso. Su piel resbalosa se escapaba de mis dedos; batía la cola de un lado a otro, abría y cerraba las branquias sin poder alcanzar su aire, con desesperación.

Cuando finalmente logré atraparlo y zambullirlo en la jarra, volvió a quedarse quieto, mirándome, no sé si feliz de volver al agua u odiándome por frustrarle el escape.

DOS

Cuando estoy frente al espejo del baño puedo escuchar a Plateado, mi pez, que remueve las piedras del fondo de su nueva pecera. Es que el jarro de cerveza le quedó chico muy pronto, porque tal vez lo alimenté de más... La cuestión es que ya mide más de dos pulgares juntos y necesitaba urgente una nueva pecera, que encontré a buen precio en un acuario del barrio. Además, le traje un amigo, o una amiga, vaya una a saber. Muchos cambios para un solo día.

Salgo del baño y los observo comiendo. Plateado no se adapta a su nuevo compañero de habitación. El pez naranja, Dorado le puse, no lo deja comer: patrulla la superficie cuando me acerco a alimentarlos, elige los trozos más grandes de comida, evitando que Plateado tome su parte. Y Plateado, que siempre ha sido bastante dócil, por no decir casi siempre falto de coraje, se mantiene abajo y mueve las piedras del fondo en busca de los restos que caen. Me dan ganas de ayudarlo, pero entiendo que debe arreglárselas solo. Sin embargo, no puedo evitar ver cómo, desde el fondo de la pecera redonda, escondido atrás de un caracol, pega sus ojos al vidrio – que como una lupa los agiganta – y parece pedir auxilio con terror.

TRES

Al ser dos peces, el agua empezó a enturbiarse más rápido que antes. Si cuando Plateado vivía solo la cambiaba una vez cada dos semanas, una vez que fueron dos la frecuencia de limpieza se hizo semanal. A principios del mes de diciembre, adelantando la Navidad, decidí regalarles un oxigenador, sobre todo a Plateado, por lo bien que se había portado y lo mucho que había sufrido.

El día que llegué a casa con el oxigenador, Plateado y Dorado me saludaron al abrir la puerta. Por iniciativa del naranja, creo, se habían acostumbrado a saltar hacia afuera del agua cuando escuchaban mis pasos. Plateado había cambiado bastante por la convivencia. Se movía un poco más, no demasiado, pero ya no parecía que hubiera muerto de repente, como llegué a pensar varias veces. Dorado lo animaba.

Coloqué el oxigenador en la pecera y lo sujeté entre las piedras. Noté que ambos peces estaban muy expectantes. Dorado se acercó a mi mano, y Plateado prefirió ver la novedad de lejos. Lo realmente interesante vino enseguida, cuando enchufé el aparato y cientos de burbujas empezaron a salir desde el fondo de la pecera. Dorado se espantó enseguida, y cuando se dio cuenta de que nada pasaba, se dedicó a seguir buscando comida.

Plateado me sorprendió. Con su calma habitual nadó hasta el oxigenador y dejó que el chorro de burbujas le diera en la panza, masajeándole la piel llena de

escamas color gris brillante. Luego bailó en círculos entre el aire que ascendía, como un animal espectacular. Se rodeó de la corriente que formaban las burbujas al subir, moviendo la cola a un tiempo perfectamente distinto que las aletas y dejó que la luz que entraba por la ventana lo iluminara en sus tantas escamas. Hubo luces, brillos. Así pasó un rato que pareció un siglo – el siglo del pez espectacular – hasta que se cansó y volvió a esconderse atrás del caracol grande allá en el fondo.

O silêncio do rio

El silencio del río

Horacio Cavallo – Uruguai

Narrador e poeta. Nos últimos anos publicou doze livros de poesia, narrativa e literatura infantil, entre eles: *El silencio de los pájaros* (Alter, 2013), Prêmio Anual de Literatura MEC (2015); *Oso de trapo*, novela (Trilce, 2007), (Estuario, 2018), Prêmio Municipal de Narrativa (2008); *Invencción tardía*, novela (Estuario, 2013), Terceiro Prêmio Anual de Literatura MEC (2015); *El marinero del canal de Suez* (Pípala, 2018), ilustrado por Matías Acosta; *El pequeño vecino del Señor Trecho* (Edelvives, 2018), ilustrado por Isabel Go Guízar; *Figurichos* (EBO, 2014), Prêmio Bartolomé Hidalgo, desenho e ilustrações de Pantana. Participa em várias antologias nacionais e internacionais de narrativa e poesia. E-mail: pericoalcastro@gmail.com

Tradução de **Luiza Hypolito**²⁴

não quero cansar-te, mas
foste criança uma vez
pulando com as pernas finas e os joelhos
quebrados ou melhor
machucados e tinhas
o perfume da infância que perdeste
as mãos pequenas e macias e a voz
aguda
houve um desapego e estas
são as fotos onde habita tudo isso
olha. te vês?
(Nicolás Alberte, *Escritos a la luz de las cosas que no se ven*)

²⁴ Licenciada em Letras – Português/Francês pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), atualmente é professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Florianópolis e atua de forma autônoma como revisora e tradutora de textos.

Consegui esquecer o rosto do afogado. Me levou tempo, noites de febre, de tremores, o grito que trazia minha mãe arrancando os cabelos, subindo a escada para que eu voltasse a dormir apenas se sua mão estivesse entre as minhas.

Mas consegui esquecer seu rosto.

O corpo retorcido, o branco da carne e certa clareza em cada coisa, que apenas voltei a ver nas madrugadas evocando sonhos recentes, vêm me acompanhando desde então.

No caminho de ida só lembro de pássaros.

Abaixo dos pássaros o passo do vovô sobre o lastro, com as alpargatas que escondiam os pés que nunca pude ver. Sempre evitou me aterrorizar com a falta de três ou quatro dedos.

Íamos pelo lado da rua, no crepúsculo, seguidos por seu cachorro. Um cachorro magro, ligeiro, que só obedecia ao vovô, batendo com seu rabo em minhas pernas. O vovô queria chegar na praia um pouco antes do sol sair. Insistia nessa ideia desde a noite anterior. Não lembro o que disse exatamente. Fui construindo cada coisa conforme passou o tempo.

Ele sentou-se na areia com esforço. O cachorro ficou um tempo cheirando peixes mortos e perseguiu as gaivotas aglomeradas que levantavam voo aos gritos. Sorri sonolento olhando para o vovô e me deixei cair. Me disse algo depois do sorriso e apontou para o leste. O céu ia ganhando claridade.

Depois corri para a costa, botei os pés na água e andei atrás do cachorro. Esqueci do ritual, embora soubesse que assim que apontasse a lua crescente prateada o vovô gritaria ao céu. Corri até as gaivotas como tinha feito o cachorro um pouco antes. Se amontoaram lá em cima e eu abri a boca tanto quanto pude. Quando baixei os olhos, ali estava: não posso descrevê-lo. Já tentei. Sei que o vovô veio, que me chamou cem vezes e que não consegui mover um dedo. Tapei os olhos com as mãos, gritei como as gaivotas e os braços enormes do vovô me envolveram. Ele também gritou como as gaivotas, seus braços enormes tremeram, disse novamente ao cachorro que se afastasse e eu senti que algo quente e denso descia por minhas pernas.

Não falamos no caminho de volta. Sei que o vovô quis localizar meu pai em Montevideo, mas não conseguiu. Passamos um bom tempo no bar com a desculpa da ligação até que ele falou em segredo, olhando o fundo do copo ou a ponta úmida das alpargatas.

Não quis almoçar. Insisti que queria ver minha mãe. Ele me assegurou que ela chegaria um pouco antes de anoitecer. Voltamos ao rancho que estava alugando

na rua Yacaré e à sombra da nespereira, fiquei perseguindo com um palito as formigas que davam voltas sobre as nêspersas. Então vi que o sol estava alto. Senti um arpejo nas costas de cima a baixo.

O vovô desenhou o rosto do afogado. Não sei por que fez isso. Embora vislumbre algo agora, com os anos. Tentou escondê-lo debaixo de uns livros, na mesa de luz. Mas o encontrei naquela mesma tarde quando dava voltas no seu quarto. Gritei. Ele deixou de falar com um vizinho para arrastar as alpargatas até o dormitório e segurar a cabeça com as mãos. Ficou olhando a bola de papel sobre a cama.

Há alguns anos esvaziamos esse rancho com meu pai. Encontramos o desenho amassado entre outros seis. Sete corpos na costa, desenhados a lápis com a data no pé de cada um. O vovô não foi um grande desenhista, mas se empenhou em delinear as feições, de modo que cada desenho fosse mais parecido a uma fotografia.

Voltei a essa tarde através de um sonho recorrente no qual o vovô e eu olhamos o rio esperando que saia o sol. A corrente arrasta desde o horizonte uma centena de homens e mulheres nus que o vaivém das ondas leva e traz, unindo-os, separando-os. Sobrevoa essa imagem, preso na forma que tomam seus cabelos, seus braços, nas caretas, nos olhos tão parecidos com os dos peixes. Tudo é silêncio nesse sonho, como se fosse sonhado no fundo do rio.

Esperei minha mãe encostado em um eucalipto enorme que fazia sombra no rancho do vovô. Não quis voltar a falar com ele essa tarde. Não entendi, então, a necessidade de registrar em um desenho aquele rosto terrível que tínhamos descoberto de manhã. Olhava o caminho impaciente e descobri a silhueta de minha mãe à distância. Embora o vovô tenha gritado para que eu tivesse cuidado, comecei a correr até ela. Não olhei para os lados na esquina. O choro não me deixava ouvir nada. Minha mãe estendeu os braços e apurou o passo. Tampouco pude, em tantos anos, esquecer aquele rosto, aquele gesto. Tropecei quando estávamos quase juntos um ao outro. Dobrei o choro ao ver o sangue no joelho. Minha mãe se curvou até me cobrir com seu corpo.

Depois me ajudou a chegar até a casa. Fui pulando em uma perna, abraçado na sua cintura. O vovô nos olhou sem dizer nada. Poderia ter me chamado de tanso, ou tolo, mas não abriu a boca. Formamos um triângulo os três. Nos olhamos. O cachorro se aproximou e lambeu meu joelho machucado.

Nota da tradutora

Fico muito feliz pelo conto *El silencio del río*, de Horacio Cavallo, ter chegado até mim para ser traduzido, pois, além de conhecer um novo escritor, me agrada o fato de traduzir, poder trabalhar com a obra de um autor contemporâneo. Tive um belo encontro com o conto, que é ao mesmo tempo forte e sutil, bonito e triste, e com a narrativa de Cavallo, que encanta por retratar a complexidade que são a vida e as emoções, através da simplicidade – espontaneidade – do olhar de menino.

Traduzir é sempre um desafio, mas é também muito prazeroso, sobretudo quando temos boas surpresas como esta.

El silencio del río

Horacio Cavallo – Uruguay

no quiero cansarte pero
fuiste niño alguna vez
con las piernas débiles saltando y las rodillas
rotas o más bien
rasgadas y tenías
el perfume de la niñez que perdiste
las manos pequeñas y suaves y la voz
aguda
hubo un desprendimiento y estas
son las fotos donde habita todo eso
miralas. ¿te ves?

Nicolás Alberte

Escritos a la luz de las cosas que no se ven

Pude olvidar el rostro del ahogado. Me llevó tiempo, noches de fiebre, de temblores, el grito que traía a mi madre de los pelos, trepando la escalera para que volviera a dormirme solo si su mano estaba entre las mías.

Pero pude olvidar su rostro.

El cuerpo retorcido, el blanco de la carne y cierta claridad en cada cosa que solo he vuelto a ver las madrugadas evocando sueños frescos, me vienen acompañando desde entonces.

En el camino de ida solo recuerdo pájaros.

Debajo de los pájaros el paso del abuelo sobre el balasto, con esas alpargatas que escondían unos pies que no pude ver nunca. Siempre evité aterrarme con la ausencia de tres o cuatro dedos.

Íbamos al costado de la calle, en penumbras, seguidos por su perro. Un perro flaco, parco, que solo bajaba la cabeza frente al abuelo golpeándome las piernas con su cola. El abuelo quería llegar a la playa un rato antes de que saliera el

sol. Insistía con esa idea desde la noche anterior. No recuerdo qué dijo exactamente. Fui construyendo cada cosa a medida que pasó el tiempo.

Él se sentó en la arena con esfuerzo. El perro estuvo un rato oliendo peces muertos y persiguió las gaviotas amontonadas que levantaban vuelo dando alaridos. Sonreí adormilado mirando al abuelo y me dejé caer. Algo me dijo después de la sonrisa y señaló hacia el este. El cielo iba ganando claridad.

Después corrí a la costa, metí los pies al agua y anduve atrás del perro. Me olvidé del ritual aunque sabía que apenas asomara la medialuna plateada el abuelo pondría el grito en el cielo. Corrí hacia las gaviotas como había hecho el perro un rato antes. Se arremolinaron allá arriba y abrí la boca tanto como pude. Cuando bajé los ojos ahí estaba: no puedo describirlo. Lo he intentado. Sé que vino el abuelo, que me nombró cien veces y que no conseguí mover un dedo. Me tapé los ojos con las manos, grité como las gaviotas y los enormes brazos del abuelo me envolvieron. También él gritó como las gaviotas, le temblaron los brazos enormes, volvió a decirle al perro que se alejara y yo sentí que algo caliente y denso me bajaba por las piernas.

No hablamos en el camino de vuelta. Sé que el abuelo quiso ubicar a mi padre en Montevideo pero no pudo. Pasamos un buen rato en el boliche con la excusa de la llamada hasta que habló en secreto mirando el fondo del vaso o la punta humedecida de las alpargatas.

No quise almorzar. Insistí con que quería ver a mi madre. Me aseguró que llegaría un rato antes de que anocheciera. Volvimos al rancho que alquilaba en la calle Yacaré y a la sombra del níspero estuve persiguiendo con un palito a las hormigas que daban vueltas sobre las níscolas. Entonces vi que el sol estaba alto. Se me erizó la espalda de una punta a la otra.

El abuelo dibujó el rostro del ahogado. No sé por qué lo hizo. Aunque algo entreveo ahora, con los años. Intentó esconderlo debajo de unos libros, en la mesa de luz. Pero lo encontré esa misma tarde, dando vueltas por su cuarto. Grité. Él dejó de hablar con un vecino para arrastrar las alpargatas hasta el dormitorio y agarrarse la cabeza con las manos. Se quedó mirando la bola de papel sobre la cama.

Hace unos años vaciamos ese rancho con mi padre. Encontramos el dibujo arrugado entre otros seis. Siete cuerpos en la costa, dibujados a lápiz con la fecha al pie de cada uno. El abuelo no fue un gran dibujante pero se empeñó en delinear las facciones, en que cada dibujo fuera lo más parecido a una fotografía.

Volví a esa tarde a través de un sueño recurrente en el cual el abuelo y yo miramos el río esperando que salga el sol. La corriente arrastra desde el horizonte

un centenar de hombres y mujeres desnudos que lleva y trae el vaivén de las olas, uniéndolos, separándolos. Sobrevuelo esa imagen detenido en la forma que toman sus cabelleras, sus brazos, en las muecas, en esos ojos tan parecidos a los de los pescados. Todo es silencio en ese sueño, como si fuera soñado en el fondo del río.

Esperé a mi madre recostado a un eucaliptus enorme que daba sombra al rancho del abuelo. No quise volver a hablar con él esa tarde. No entendí entonces la necesidad de afirmar en un dibujo ese rostro terrible que habíamos descubierto en la mañana. Miré el camino impaciente y descubrí la silueta de mi madre en la lejanía. Aunque el abuelo me gritó que tuviera cuidado empecé a correr hacia ella. No miré a los costados en la bocacalle. El llanto no me dejaba oír nada. Mi madre extendió los brazos y apuró el paso. Tampoco pude en tantos años olvidar aquél rostro, ese gesto. Tropecé cuando casi estábamos uno junto al otro. Redoblé el llanto mirándome la sangre en la rodilla. Mi madre se arqueó hasta cubrirme con su cuerpo.

Después me ayudó a llegar hasta la casa. Fui saltando en una pierna, abrazado a su cintura. El abuelo nos miró sin decir nada. Podría haberme dicho chambón, o vejiga, pero no abrió la boca. Formamos un triángulo los tres. Nos miramos. El perro se acercó a lamerme la rodilla lastimada.

Esta antologia de textos traduzidos nos oferece uma ponte cultural, entre Hispano-américa e Brasil, construída com empenho e diligência, por mais de uma dezena de pessoas. Neste projeto estão envolvidos tradutores literários experientes e em formação, por isso, o resultado não poderia ser mais autêntico e dinâmico. Pessoas com diferentes níveis de conhecimento teórico e da língua fonte dos textos expõem suas preocupações ao traduzir, delineando, de maneira consciente ou não, conceitos importantes dos Estudos da Tradução, como equivalência, deformações (acréscimos e enobrecimento), perdas, compensações, entre outros. Estamos, de fato, diante de “um laboratório de textos” que nos mostra o entrosamento entre os contos de diferentes culturas e um grupo tão heterogêneo. Algo peculiar e que teve relevância durante o ato tradutório em conjunto foi o fato de diversos membros do grupo serem provenientes de diferentes regiões do Brasil, o que ocasionou discussões riquíssimas sobre o uso do mesmo léxico em espanhol ao ser traduzido para o português, levando-se em consideração as diferentes variantes dentro do próprio país, com seus múltiplos significados e possibilidades. Um projeto de tradução que aflorou, em seus participantes, reflexões genuínas sobre os aspectos interlingual, intralingual e intercultural, inerentes à área da Tradução. Iniciativas como esta nos fazem atentar sobre a importância da troca constante e das discussões entre pesquisadores. O resultado deste diálogo é uma obra com uma profusão de reescritas em harmonia que desvela contos hispano-americanos em língua portuguesa.

Letícia M. V. S. Goellner

Doutora em Estudos da Tradução (PGET/UFSC),
Pós-doutorado em Estudos da Tradução (POSTRAD/UnB),
Professora de Tradução no Departamento de Ciências da Linguagem,
Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Chile

